



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de premiação das “Empresas mais Admiradas no Brasil”**

**São Paulo-SP, 06 de novembro de 2006**

Meu caro Cláudio Lembo, governador do estado de São Paulo,  
Meu caro Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,  
Nosso anfitrião Mino Carta, diretor de redação da revista Carta Capital,  
Meu caro Prefeito,  
Meu caro Beluzzo,  
Ministros aqui, Marina, Fernando Haddad e Dulci,  
Meu caro Altemir Gregolin, da Secretaria de Pesca e Aqüicultura,  
Meu caro Aloizio Mercadante,  
Meu caro Tuma,  
Senadores da República,  
Meus caros deputados Delfim Neto e Cassiano que estão aqui  
presentes,  
Meus amigos e minhas amigas,

O Mino foi sábio e vocês também pelo horário, porque nós temos que sair para Brasília antes das 11 horas, então nós temos que ir embora rápido. Mas eu queria dizer umas palavras. Mino, não vou ler meu discurso, fique tranqüilo. Eu saí de Brasília, Mino, para vir aqui, não só para participar dessa premiação da Carta Capital, mas para prestar uma homenagem especial à Carta Capital.

Eu penso que de vez em quando a humanidade precisa deixar a hipocrisia de lado e nós precisamos ser um pouco mais verdadeiros. Veja que absurdo, eu fiz uma campanha em que eu era obrigado, Roberto, a defender os bancos e os meus adversários criticavam os bancos e vocês votavam neles e



não em mim. E eu sabia disso. E eu defendia porque acho que vocês saudáveis dão menos prejuízo do que se tiver que criar um Proer, principalmente quando a gente estiver investindo mais e emprestando dinheiro para o Gerdau fazer mais uma fábrica em algum lugar deste País.

Mas eu estou começando a dizer isso, Mino, porque de vez em quando a Humanidade vive momentos de hipocrisia e muitas vezes todos nós embarcamos nela como se fôssemos inocentes. Eu me lembro que o Gorbachev, depois de sete anos como a figura mais importante do planeta Terra, pelo menos era o que alguns setores da imprensa brasileira falavam e também o New York Times, quando esse cidadão desmonta um país que bem ou mal existia e vai disputar as eleições, ele só teve 0,6% dos votos. Na verdade ele era bom para quem, “cara pálida”? Porque para o povo russo não foi naquele momento.

Num outro momento histórico nós vimos um cidadão levar o seu país à loucura que o Saddam Hussein levou o Iraque, vendendo uma força que não tinha, uma arma que não tinha, e um outro cidadão precisava da guerra porque tinha eleição e era preciso a justificativa, e um país foi destruído, uma parte do povo dizimado, e sabe Deus quantos anos vai se levar para recuperar aquilo sem que a gente saiba em que momento vai terminar com o terrorismo no mundo.

Mas o maior exemplo é o do Brasil. Aqui, em 1792, matou-se um homem, enforcaram, esquartejaram, penduraram sua carne nos postes para ninguém se lembrar mais dele. Trinta anos depois faz-se a independência, que foi a razão pela qual esse homem foi enforcado, e ele é transformado, depois da independência, em herói nacional, é proclamado patrono das Forças Armadas que o matou, e ainda hoje é tratado de inconfidente, embora seja o herói mais importante deste País.

Eu estou dizendo isso, Mino, para dizer para você não ter nenhuma preocupação de falar “povo”, porque se tem uma coisa que ficou nítida nessas



eleições é que neste País existe mais povo do que formadores de opinião. Existe muito mais povo e já não é possível alguém imaginar que pode enganar a sociedade a vida inteira. As pessoas estão aprendendo a perceber a verdade e a mentira, as coisas que são verdadeiras e as coisas que não são verdadeiras, entre aquilo que há dez anos era tratado como se fosse uma coisa corriqueira da política nacional, porque é tudo assim mesmo, e de repente, vira como se fosse a coisa mais danosa que acontece na humanidade.

Isso, meu caro Mino, o povo percebeu. Da mesma forma que um dia ele percebeu que era preciso os trabalhadores fazerem greve para se fazerem ouvir, da mesma forma que um dia ele percebeu que era preciso fazer a campanha das Diretas e foi para a rua, da mesma forma que um dia entendeu que era preciso cassar um presidente da República e foi para a rua, ele foi para a rua agora. Ele foi para a rua por uma razão muito simples: é que eles perceberam que estavam tentando tirar alguma coisa que eles tinham conquistado, sintetizado numa única palavra chamada cidadania.

Daí criou-se o sofisma de que alguém queria dividir o Brasil: “esse Lula quer dividir o Brasil entre ricos e pobres”. Não, eu não quero dividir, eu já nasci com ele dividido e, lamentavelmente, nasci do lado dos pobres. Eu poderia ter nascido senhor de engenho, mas nasci na senzala. Não fui eu quem dividiu, ele veio dividido. O que eu quero é repartir o pão produzido de forma mais justa, e quem estuda economia neste País, quem fala de economia com seriedade, sabe que o consumo, numa parte deste País, está crescendo a níveis que nunca cresceram, sobretudo na parte mais pobre deste País. Então, é essa a divisão. Nós queremos que uma parte da população vá para a classe média e a classe média suba mais um degrau e cada um suba mais um degrau até que todo mundo atinja a sociedade que nós achamos que seria ideal para o Brasil, como achamos que é ideal para a Dinamarca, para a Suécia, para a Finlândia, para a Noruega, para tantos outros países que eu acho que têm uma boa política social combinada com uma boa política de investimento.



Eu queria começar dizendo isso, Mino, para fazer jus à Carta Capital. Eu que te acompanho desde quando tentou salvar a Realidade, depois com a criação da Revista Veja e depois com a criação da Isto É; depois com a tentativa de criar o Jornal República. Você não fala das coisas que não deram certo e com o República não deu certo, mas era uma tentativa extraordinária de criar o Jornal República. E hoje você está aqui, com a revista que tem um público certo, endereço certo e seriedade certa, e você, como jamais um empresário de comunicação vai me ver, enquanto Presidente da República, ligar para pedir um favor: “não falem isso do governo, não falem mal do Ministro”. Para mim, a liberdade tem que ser plena, mas a liberdade plena exige responsabilidade, sobretudo seriedade.

Este País já viveu momentos muito difíceis, e os mais velhos, da nossa idade, Mino, viveram um tempo da receita de bolo nos jornais. Nós vivemos o tempo do pensamento único neste País, em que era proibido falar contra, e agora estamos outra vez: é proibido falar a favor. Quer dizer, nós mudamos do 8 para 80 com uma facilidade enorme. O que me move é a compreensão que eu tenho de que este País está no caminho certo, mais do que já esteve em qualquer outro momento da sua história. Não tenham dúvida disso. Agora, se eu pudesse decretar o crescimento de 7%, eu faria por Medida Provisória, para o Tuma e para o Aloízio Mercadante votarem. Não posso. Já se tentou inventar mágica neste País e não deu certo. Aqui está o Beluzzo, que é um grande economista, está o Aloízio Mercadante, está o Delfim, aqui no meio, e tem outros economistas importantes. Toda vez que se tentou inventar uma mágica, o País quebrou a cara alguns meses depois.

Eu quero dizer para vocês uma coisa, meu caro Mino Carta, e é por isso que eu vim aqui. Eu tenho consciência, muito mais do que consciência, eu sinto a necessidade de fazer com que este País cresça, até porque o crescimento vai ajudar o povo. O povo sendo ajudado, vai ajudar a classe média, a classe média sendo ajudada, vai ajudar os empresários, os empresários sendo



ajudados, vão ajudar todo mundo a viver bem. Nunca defendi e não defendo um país que tenha, de um lado miseráveis e de outro lado abastados. Eu quero que todo mundo possa viver com dignidade, e este País, para ser construído, é preciso da compreensão de todos, dos trabalhadores, dos empresários, do setor público, dos entes federativos, sejam eles municipais, estaduais ou federal, porque é preciso saber que, hoje, as prefeituras brasileiras estão quase todas falidas, não têm nenhuma capacidade de investimento, os estados não têm capacidade de investimento e a União tem pouca capacidade de investimento.

Nós precisamos de duas coisas: primeiro, já começamos a aumentar, não chegamos onde queríamos chegar, mas a poupança interna saiu de 17% para 23%, o que é um passo importante. Segundo, o crédito, e eu tenho certeza de que o Banco Itaú, hoje, e o Bradesco, estão ganhando dinheiro sim, comprando títulos do governo, mas estão ganhando como nunca ganharam, emprestando dinheiro para pobre através do crédito consignado.

Vejam, não é só a redução da taxa Selic que reduz o *spread* bancário não, porque a taxa Selic já caiu muito e o *spread* bancário não caiu ainda. Há um conjunto de fatores que envolvem o conjunto da sociedade e ninguém tem saída. Eu me lembro quando o vice-presidente da Fiesp era ministro da Fazenda do Sarney e achou que poderia resolver o problema do Brasil decretando a moratória unilateral. O que aconteceu? Eu me lembro quando o Collor anunciou que o Antônio Ermírio de Moraes estava tão pobre quanto um dirigente sindical que tinha tomado todo o dinheiro dele. Ou seja, eu não acredito em mágica, eu acredito em seriedade, até porque o crescimento que nós queremos para o Brasil não vai se dar num mandato presidencial, é preciso que a gente pense numa geração, ou quem sabe até um pouco mais, se nós quisermos fazer uma coisa sólida, madura, que não tenha retorno.

Este país, Mino, a Carta Capital tem contribuído para que nós possamos construí-lo e foi esse povo, sem preconceito, que deu outra vez, a este País, a



oportunidade de um presidente da república, que com o mesmo carinho que olha para um Guerdau e o chama de companheiro, esse presidente da República tem coragem de olhar para um Roberto Setúbal e chamá-lo de companheiro, contra outros que são do mesmo setor e não têm – porque banqueiro em campanha política é a peça-chave para todo mundo xingar, todo mundo xinga banqueiro. Eu não xingo nenhum banqueiro e, com o mesmo sorriso, Roberto, que eu te recebo dentro do Palácio do Planalto, eu recebo um sem-terra, eu recebo o rei da soja, eu recebo o rei do gado, eu recebo o rei do carro, mas também recebo um morador de rua, recebo o catador de papel, porque eles são tão brasileiros quanto nós, apenas não tiveram as mesmas oportunidades que nós tivemos. Este é o país de todos, que nós precisamos construir, sem preconceito.

Eu disse outro dia, num encontro com os catadores de papel: a desgraça do preconceito é que ele não pode ser reciclado, ele tem que ser exterminado da política, e no Brasil ele é muito forte. Eu digo sempre o seguinte: é que a imprensa sempre foi muito generosa comigo, acho que poucas pessoas são bem tratadas com eu, não tenho do que reclamar, mas uma coisa é importante: eu tenho um objetivo, ele é muito determinante para a minha vida, eu continuo achando que o Bolsa Família não é uma solução definitiva, ele é um cartão de crédito para a pessoa poder comer primeiro até que apareça um emprego para trabalhar, mas não aceito, que neste País, se fale cada vez que a gente gasta 1 real com política social. Dizem que a gente está gastando mal, não aceito. Gastar com política social num país em que metade da população vivia em condições de miséria é condição *sine qua non* para a gente poder ter o direito de gastar amanhã para fazer outras coisas. Porque no Brasil se vende muito pessimismo. Quando eu tomei posse, Guerdau, diziam assim para mim: o Brasil não tem infra-estrutura para exportar. E mais que dobramos a exportação, já atingimos 135 bilhões de dólares em 12 meses. Quem é que acreditava nisso há quatro anos atrás? Qual analista econômico acreditava nisso? “Ah, não tem



porto.” Tem, tem tudo, funciona mais ou funciona menos, e pode ser melhorado, pode e deve. Mas o que era feito antes? O que aconteceu com este País, a não ser o pensamento único de que não tinha espaço sequer para crítica?

Então, eu quero dizer, Mino, que é uma alegria estar aqui quando a Carta Capital, que não é a maior, que não tem, quem sabe, a quantidade dos anúncios de outros setores, tem a coragem de dizer que muito mais importante do que a quantidade de páginas, é a quantidade de seriedade das palavras que estão colocadas nessa revista.

Por isso, meus parabéns a você e meus parabéns aos empresários, sobretudo, eu vi alguns aqui, a Natura, a Petrobras, que não devem ter mais lugar para guardar prêmios, a Nestlé, a Gerdau, ou seja, de vez em quando é preciso dizer que quem já ganhou 10 não pode ganhar mais e pegar uns outros para ganhar, porque senão vão ficar só essas empresas extraordinárias, que são motivo de orgulho, e quando eu digo motivo de orgulho é porque eu não tenho vergonha de sair pelo Brasil vendendo as nossas empresas, não vendendo as nossas empresas, vendendo os nossos produtos. E quem viaja comigo para o exterior sabe que eu sou um verdadeiro mascate, não me abram os olhos para uma oportunidade e lá estará um empresário brasileiro tentando vender o seu produto, seja ele um produto da Embraer, seja um litro de álcool, seja um quilo de açúcar ou, quem sabe, um pouquinho de aço da Gerdau ou, quem sabe, um leitezinho da Nestlé, ou os produtos da Natura, ou o biodiesel e o Hbio da Petrobras.

Um grande abraço, meus parabéns a todos vocês, e parabéns, Mino.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**

**Brasília-DF, 08 de novembro de 2006**

*Vamos denominar o dia de hoje como o Dia do Fico para o Fernando Haddad (comentário do presidente Lula em relação à frase “Fica, Haddad”, proferida por participantes da Conferência).*

Meu querido Elias Vieira de Oliveira, presidente da Comissão Organizadora da 1ª Conferência de Educação Profissional neste País,

Meus companheiros e companheiras integrantes da Mesa,

Senhoras e senhores participantes desta Conferência,

Meu querido companheiro Fernando Haddad,

Meu caro deputado Alex Canziani, da Frente Parlamentar de Apoio ao Ensino Profissional,

Meu caro Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica,

Senhora Edna Batistotti, presidente do Fórum Nacional de Gestores Estaduais da Educação Profissional e Tecnológica,

Observadores do Mercosul,

Observadores dos países de língua portuguesa, da CPLP,

Meus queridos companheiros e companheiras, se me permitem chamá-los assim.

Eu estou vendo aqui mais deputados, estou vendo a Maria do Rosário, mas se ninguém me trazer a nominata, com os nomes de quem está aqui, eu não vou saber.





Mas o que é importante, na verdade, é o fato histórico de que esta é a primeira conferência nacional sobre Educação neste País. Esse é um fato inusitado. Antes das eleições, eu tinha dito ao Fernando Haddad que eu já tinha participado de 39 conferências nacionais e não tinha participado de nenhuma da Educação, e este é o primeiro ato de que eu participo depois das eleições.

Eu queria dizer algumas coisas que eu sinto sobre a necessidade do reforço da educação profissional e tecnológica no Brasil. Primeiro, toda vez que eu posso, eu conto a minha história para que ela possa servir de exemplo para outros milhões e milhões de meninas e meninos adolescentes deste País. Eu tenho a nítida noção do que significa um jovem com uma profissão e um jovem sem uma profissão. Eu tenho a nítida noção do que representa, na vida de uma pessoa, a possibilidade de arrumar um emprego tendo uma profissão, porque isso melhora a sua condição de vida, melhora a sua condição salarial e, conseqüentemente, pode melhorar a sua vida familiar. Eu diria até que o espaço para que ela possa, depois da profissão, galgar outros degraus na Educação, fica muito mais fácil.

Eu sempre me incomodei, porque eu fui o primeiro filho de oito a ter uma profissão. Por conta disso, eu fui o primeiro a ganhar mais que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro, pelo simples fato de eu ter aprendido uma profissão, que os meus irmãos não tiveram oportunidade de aprender. Então, para mim, quando eu falo na formação profissional da nossa juventude, é quase um compromisso de fé, não é um programa de governo ou um compromisso de campanha eleitoral. É um compromisso de fé. Porque ou nós apostamos nisso para tirar o País da eterna condição de país emergente e o colocamos na era dos países desenvolvidos ou nós, ao invés de ficarmos discutindo hoje que custa caro fazer a formação profissional, a gente vai discutir amanhã o quanto vai custar construir cadeias neste País para colocar



os jovens que não tiveram oportunidades de estudar.

Depois, uma mudança na cabeça de todos os membros do nosso governo é para com a história de utilizar a palavra gasto quando se trata de investimento na educação. Não tem nada mais rentável para o País do que a gente gastar na formação de um técnico ou na formação de um doutor, não tem nada que dê mais retorno ao País do que a formação no conhecimento, na inteligência, para que a gente possa se transformar, além de um país exportador de soja, exportador de suco de laranja, exportador de minério de ferro, exportador de sapato, que seja exportador de inteligência, exportador de conhecimentos. E isso passa pela qualificação da mão-de-obra.

Por fim, eu queria dizer para vocês que a experiência desses primeiros quatro anos demonstraram que, durante muito tempo, ao invés de nós avançarmos, nós retrocedemos no investimento à educação profissional e tecnológica. Houve todo um processo que começou com o ministro Tarso Genro, depois culminou com o ministro Fernando Haddad, para que a gente fizesse uma reversão no quadro negativista que estava acontecendo no Brasil e pudesse apresentar para a sociedade brasileira um alento à idéia firme de que nós iríamos recuperar a educação profissional e tecnológica no nosso País. Mas, mesmo no nosso governo, apesar de termos feito muito mais do que foi feito algum tempo atrás, nós ainda estamos aprendendo como fazer as coisas, porque mesmo nós temos seis ou sete programas de formação profissional para a juventude quando, na verdade, é preciso ter apenas um, com uma única orientação, para que a gente possa atender a totalidade das pessoas.

Quero dizer para vocês o que eu disse, textualmente, nesses últimos quatro meses, que o meu segundo mandato seria de: desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade, sem o qual não teria sentido eu ter concorrido às eleições. Eu não poderia ser presidente, novamente, para fazer as mesmas coisas que nós tivemos que fazer no primeiro mandato, para



criar as condições de eu poder chegar aqui hoje e olhar na cara de muita gente do Brasil inteiro e dizer: nós vamos fazer o Brasil ter um desenvolvimento mais eficaz, nós vamos fazer mais distribuição de renda e nós vamos apostar e investir na educação brasileira, porque ela é a base fundamental para que o Brasil cresça, se desenvolva e gere riqueza neste País. Esse é um compromisso de quem acredita cegamente nisso, de quem acredita piamente nisso. Não tem coisa mais triste do que um jovem, sobretudo de uma família de classe média baixa, estar fazendo um segundo colegial, o primeiro colegial, às vezes já está no terceiro colegial, sem perspectiva de entrar numa universidade, porque não pode pagar? O proUni ajudou, mas precisa ajudar muito mais.

E tem mais ainda. Hoje, nós temos, na sala de aula, por volta de 16 alunos por professor, e nós precisamos aumentar o número de alunos por professor, para criar mais vagas nas escolas federais, para que os jovens possam estudar neste País. E, quando você chega para um jovem que quer trabalhar, às vezes ele te procura e fala: “eu gostaria de ter um emprego”. E você pergunta: o que você sabe fazer? “Nada”. Porque ele está fazendo o ensino fundamental desligado de qualquer conotação de formação profissional. É preciso que a gente se reedueque enquanto Nação, é preciso reeducar os projetistas das escolas brasileiras, é preciso reeducar os pensadores da Educação brasileira, para que cada escola esteja preparada para ensinar as matérias que tem que ensinar no ensino fundamental, mas que esteja colocado o ensino profissional concomitantemente, para que a gente possa dar mais oportunidade para essas pessoas.

O que nós vemos no Brasil de hoje são pessoas com diploma de bacharel, sem oportunidade de emprego e sem profissão, porque ser bacharel não significa ter uma profissão. Depois de formado, é preciso ter muitos anos de experiência para poder dizer “eu sou um profissional”. Ao passo que, se essa pessoa tivesse passado por um curso técnico, por uma escola



profissional, ela poderia, tranqüilamente, ter a certeza de que a chance de ter um emprego seria muito maior, até para que ela pudesse ter mais aprendizado e mais recurso. Não se esqueçam dos compromissos que eu assumi: em cada cidade-pólo deste País nós vamos ter uma escola técnica e uma extensão universitária. Eu quero ser cobrado outra vez.

Segundo, nós esperamos que o Fundeb seja aprovado para que a gente possa, com a aprovação do Fundo Nacional de Educação Básica, começar a cuidar das nossas crianças na creche, começar a cuidar das nossas crianças com 5, 6, 7 anos de idade, para que a gente possa garantir que, quando adentrem a escola no ensino fundamental, essas crianças não sejam chamadas de atrasadas ou de burras por algumas pessoas, que são mais burras do que a criança, que não entendem que a criança não teve oportunidade de estudar ou de entrar em uma pré-escola.

Quero terminar dizendo para vocês que esta é uma revolução que está em curso neste País. Não me perguntem quanto vai custar. Eu quero que me perguntem, daqui a 20 anos, quanto custou ao País a gente não fazer o que tem que fazer agora e já pela Educação brasileira, pela formação profissional e pela qualificação dos nossos professores e dos nossos funcionários. Chega. E eu tenho dito, publicamente: chega de tentar economizar às custas dos já miseráveis salários das pessoas neste País. É preciso que a gente economize em outras coisas, é preciso que a gente tenha consciência. Então, ao invés de ficar discutindo apenas onde cortar, nós temos que discutir onde crescer, como crescer e como fazer justiça neste País, que está precisando de justiça mais do que nunca.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus os abençoe.



Discurso do **P**residente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural

Palácio do Planalto, 08 de novembro de 2006

Com os anos de experiência que eu tenho de participar de manifestações públicas, eu descobri, há muito tempo, as inquietudes do povo. Quando começa a se manifestar muito, é porque tem gente que tem horário para ir embora e eu sei que já está preocupada. Eu vou ser muito curto e muito breve, não grosso, mas eu vou apenas dizer para vocês o seguinte:

Primeiro, cumprimentar cada um de vocês premiados,

Cumprimentar cada um de vocês que aqui compareceu para prestigiar esta atividade do governo e do Ministério da Cultura,

Cumprimentar o nosso querido companheiro, ministro Gilberto Gil,

Cumprimentar a minha querida companheira, Marisa,

Cumprimentar o nosso parceiro, irmão, Ricardo Peidrón, embaixador da Espanha no Brasil,

Cumprimentar a Maria do Carmo Ferreira da Silva, secretária interina de Política de Promoção da Igualdade Racial,

A nossa Ana Júlia, que foi embora porque tinha que votar no Senado da República, recém eleita governadora do estado do Pará,

Queria cumprimentar o nosso deputado Abic-Kalil.

Queria dizer para vocês o seguinte: eu já participei de várias outras homenagens, já entregamos aqui a Ordem do Mérito Cultural para muita gente, mas eu não sei se porque fiquei mais velho, completei 61 anos no dia 27 passado, eu fiquei mais emocionado neste dia de hoje. Não sei se porque o Gil



também ficou mais velho, ele chorou, e eu acho muito gratificante ver um homem chorar. Acho gratificante porque, quando um cidadão se dispõe a soltar uma lágrima em público é porque ele está despojado daquela fortaleza que as pessoas querem que a gente tenha e a gente não tem, nós somos seres humanos frágeis e reagimos de acordo com os acontecimentos, e eu achei muito bonito, ao invés de fazer os outros chorarem, chorar um pouco. Faz muito bem, muito.

Quero dizer para vocês que eu saio daqui matutando uma coisa. Eu não sei se alguém poderia dizer que o ministro Gilberto Gil governa a cultura brasileira ou a gente dizer que o Lula, simplesmente, governa o País, porque a palavra governar, tal como é pensada, dificulta a gente fazer da ação do governo uma coisa mais simples, que é cuidar, ou seja, o Gilberto Gil não governa a cultura, ele cuida da cultura brasileira. Você pode ter o dinheiro do mundo, se você não tiver humildade e sensibilidade para fazer as coisas florescerem, desabrocharem como um botão de rosa, o dinheiro não vai valer nada. O dinheiro, ao invés de produzir cultura, pode produzir um monstro, como nós já cansamos de ver em outros momentos históricos deste País.

Eu descobri que nós ganhamos as eleições porque nós cuidamos do povo deste País, e quando eu digo a palavra cuidar, é que você cuida daqueles que, muitas vezes, os que governam não sabem que eles existem ou, se sabem, sabem por um número estatístico, não conhecem as suas caras, nunca apertaram a mão deles, nunca visitaram a casa de um deles. Então, podem até dizer: eu conheço, mas não conhece. Porque saber o que é uma dor de barriga não é o mesmo que sentir a dor de barriga. Então, cuidar do País é fazer um pouco do que nós vimos hoje aqui: mostrar para o Brasil inteiro que nós temos diferenças extraordinárias no mundo cultural e que isso não é um mal, isso é um bem para o País, desde que a gente possa mostrar para todo mundo que elas existem, e que a gente permita que o povo goste da que ele entender que seja melhor, do ponto de vista dele, e não apenas da que ele pode ver.



Então, hoje, Gilberto Gil, você poderia ser consagrado aqui com os seus companheiros do Ministério da Cultura como o ministro que veio a público dizer: presidente Lula, nós não estamos inventando nada, as coisas já estavam aí, era apenas preciso tirar o carrapicho, capinar, como diz o bom lavrador brasileiro, e deixar a boa muda florescer. E vocês são parte das boas mudas da cultura brasileira.

Muito obrigado, Gilberto Gil, e muito obrigado por vocês existirem para ensinar as futuras gerações. Um abraço.



**Declaração do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa, por ocasião da cerimônia de assinatura de atos com o presidente do Peru, Alan Garcia**

**Palácio do Planalto, 09 de novembro de 2006**

Excelentíssimo senhor Alan Garcia, presidente da República do Peru,  
Senhoras e senhores ministros de Estado e demais integrantes das comitivas do Peru e do Brasil,

Meus amigos, minhas amigas,  
Representantes da imprensa,

Com grande satisfação recebo o presidente Alan Garcia, que volta ao Brasil para dar continuidade ao diálogo construtivo e mutuamente proveitoso entre nossos países.

Acabamos de presenciar a assinatura de novos acordos nas áreas de defesa, desenvolvimento social, energia, saúde, educação e cooperação técnica.

Eles refletem a vontade de associar o destino de duas nações vizinhas e amigas.

Nosso comércio bilateral segue crescendo, estimulado pelo bom desempenho das nossas economias.

É bem possível que, até o final deste ano, possamos chegar à cifra recorde de 2 bilhões de dólares, quadruplicando o volume das trocas desde 2001.

A assinatura de acordo comercial entre o Peru e o Mercosul também tem grande potencial para aumentar o intercâmbio de bens.

Vamos continuar trabalhando para estimular as vendas de produtos peruanos em nosso mercado.





O Peru está hoje no horizonte estratégico das grandes empresas brasileiras dos setores de energia, mineração, siderurgia, construção civil e bens de consumo.

O acordo assinado entre a Petrobras e a Petroperu, por exemplo, abre novas oportunidades nas áreas de exploração de petróleo e refino de combustíveis.

Vamos trocar experiências bem-sucedidas na área social, como o “Bolsa Família” do Brasil e o “Juntos” do Peru.

Estamos, também, intensificando a cooperação na área de fronteira.

Queremos atuar conjuntamente no combate ao tráfico ilegal de madeiras e aumentar nossa capacidade de monitorar a região amazônica.

Acabamos de assinar um acordo inovador na área de defesa e estamos criando as condições operacionais para que o Peru tenha acesso aos sistemas do Sivam/Sipam.

Meu caro amigo Alan Garcia,

A construção da Rodovia Interoceânica trará inegáveis benefícios ao Peru e ao Brasil. É, sobretudo, um passo importante na direção da verdadeira integração regional.

A integração física é ferramenta indispensável para levar os benefícios do desenvolvimento a populações e regiões historicamente distanciadas dos pólos dinâmicos de nossas economias.

A grande prioridade da política externa brasileira é unir esforços para a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera, que se guie pelos ideais da democracia e da justiça social.

Agora, temos a responsabilidade de determinar os próximos passos de nossa comunidade sul-americana.

Nosso desafio é criar os meios para garantir que nossas decisões sejam implementadas.

Temos, também, que definir prioridades e desenvolver mecanismos



financeiros que estejam à altura de nossas ambições.

Amigas e amigos,

Brasil e Peru compartilham valores e uma visão comum sobre os desafios globais.

É por isso que temos defendido uma ampla reforma das Nações Unidas.

Uma reforma que só estará completa com uma ampliação do Conselho de Segurança.

Agradeço ao presidente Alan Garcia o apoio que o Peru tem dado à postulação brasileira.

Estamos lado a lado no Haiti na missão de estabilização da ONU, ajudando o povo haitiano em sua busca pelo desenvolvimento econômico e pela consolidação da democracia.

Quero saudar o retorno do Peru ao G-20. Juntos, estamos provando que é possível fazer com que o sistema multilateral de comércio se torne uma ferramenta de desenvolvimento.

Brasil e Peru trabalharão juntos para ajudar a desbloquear as negociações na OMC.

Meu querido presidente Alan Garcia,

Não posso deixar de lembrar hoje as manifestações de amizade que recebi de sua parte ao longo de nossas vidas políticas.

Hoje, tenho a alegria de receber sua visita – acompanhado de expressiva delegação ministerial – no momento em que o povo brasileiro reafirmou nas urnas sua esperança em um novo Brasil.

Tenho a certeza de que, ao construir uma relação ainda mais ampla e fraterna entre o Peru e o Brasil, estaremos respondendo aos anseios de nossos povos por um futuro de prosperidade e justiça para todos.

Meu caro amigo e presidente do Peru Alan Garcia,

Esta sua visita ao Brasil, a primeira que eu recebo depois de reeleito Presidente da República, é a confirmação de que Brasil e Peru estão ligados a



um só destino e a um só objetivo: fazer com que a democracia se fortaleça nos nossos países, fazer com que haja integração da América do Sul, fazer com que essa integração se estenda para a América Latina e, ao mesmo tempo, fazer com que as nossas economias cresçam, para que possamos fazer a distribuição de renda que os peruanos e brasileiros tanto necessitam, e fazer com que o nosso povo possa melhorar de vida.

Os acordos assinados aqui – eu nunca tinha visto a quantidade de acordos assinados com um só país – demonstram que Peru e Brasil estão definitivamente convencidos de que não existe saída individual para nenhum país da América do Sul. Se nós nos convenceremos de que somos países pobres, que temos muito ainda que evoluir e que, quanto mais trabalharmos juntos mais chances teremos de enfrentar este mundo globalizado, onde os ricos sempre têm levado vantagens sobre os países pobres, nós teremos a chance, você e eu, de ter mais quatro anos de convivência como governantes dos nossos países, de fazer evoluir, não apenas a relação Peru/Brasil, mas a relação na construção da Comunidade Sul-Americana de Nações, o fortalecimento do Mercosul e o fortalecimento de mecanismos e instrumentos multilaterais que possam garantir que nós não fomos apenas mais um presidente peruano ou mais um presidente brasileiro.

Eu penso que nós temos que aprender com as virtudes que aconteceram nos nossos países no século XX, temos que aprender com os erros que foram cometidos no século XX, para que a gente possa, no século XXI, concretizar o sonho da integração, sobretudo, concretizar o sonho, a aspiração e a esperança de milhões e milhões de peruanos e brasileiros que ainda precisam de um Estado forte, de um Estado indutor, para que possamos acabar com a pobreza nos nossos países e no nosso continente.

Eu tenho a convicção, presidente Alan Garcia, de que a sua chegada ao governo do Peru, onde nós já tínhamos uma boa relação com o presidente Toledo e tínhamos avançado bastante, nós poderemos aprender também com



os nossos erros, erros brasileiros e erros peruanos, do que não fizemos nesse período, para que a gente possa corrigir e acertar muito mais do que errar, porque o povo nos deu uma chance e eu acho que nós precisamos concretizar essa chance na realização do sonho do povo peruano e do povo brasileiro. Mais desenvolvimento, mais emprego, mais política educacional, e sobretudo, mais política social.

Eu tenho a convicção de que seremos parceiros nestes quatro anos e que o povo peruano e o povo brasileiro irão compreender que a construção da Interoceânica é o cordão umbilical que faltava para que a nossa relação se tornasse definitiva, ampla e poderosa para se inserir na construção da Comunidade Sul-Americana de Nações.

Por isso eu quero agradecer a sua presença, os seus ministros, e dizer que temos muito a fazer. Os nossos empresários precisam se encontrar, os nossos governadores precisam se encontrar, os nossos sindicalistas precisam se encontrar, os nossos técnicos, especialistas e cientistas precisam se encontrar. Nós precisamos fazer curso de pós-graduação, de especialização em todos os países do mundo. Mas é importante que a gente comece, também, a freqüentar as universidades do nosso continente, porque nós vamos aprender, quem sabe, muito mais do que estamos aprendendo sobre nós mesmos em outras universidades.

Meus parabéns e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a reunião com membros do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas**

**Palácio do Planalto, 10 de novembro de 2006**

Não sei se vocês perceberam que eu vim ecologicamente correto no meu traje de mistura da Amazônia.

Bem, eu quero cumprimentar a companheira Marina,

O companheiro Celso Amorim,

Quero cumprimentar o senhor Paulo Passos, que está aqui, o nosso ministro dos Transportes,

A nossa Eva Maria, companheira secretária interina das Relações Institucionais,

O nosso querido companheiro Pinguelli, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas,

O nosso empresário Geraldo Moura, representante do setor empresarial no Fórum,

Paulo Moutinho, representante das ONGs,

Senhor Luiz Gilvan Meira Filho, representante do setor acadêmico,

O nosso querido Capobianco, que fez a exposição,

Meu caro vice-governador do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde,

Secretários de estados aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu acredito que o Brasil atingiu um grau de maturidade política e um grau de responsabilidade social que, hoje, pode comparecer a qualquer fórum internacional, não apenas para dizer o que está fazendo, mas para cobrar, daqueles que também cobram de nós, o que eles não estão fazendo.

Aqui está o nosso companheiro José Machado, representante da ANA,



que apresentou um dos documentos mais extraordinários de como preservar aquilo que nós temos de extraordinário, que são as nossas águas. Nós provamos que é possível, com responsabilidade, sem evitar o desenvolvimento de nenhuma região, aprovar uma política de desmatamento, sem tirar do povo da Amazônia a idéia de que isso vai deixá-lo vivendo a vida inteira como se fosse um cidadão de segunda ou terceira categoria, sem ter acesso ao desenvolvimento. Até porque a contrapartida que nós precisamos dar, a parte brasileira que mais temos que preservar, não é apenas ficar pedindo que os ricos dêem a parte de dinheiro que eles estão nos dando para continuar poluindo lá. É pensar os modelos de desenvolvimento para cada região do País, levando em conta as compensações do tipo de indústria e do tipo de desenvolvimento que nós queremos para as regiões que nós queremos preservar para o bem da Humanidade.

E quando eu digo que o Brasil, hoje, pode entrar de cabeça erguida em qualquer debate, e mesmo sabendo que ainda estamos longe de atingir os objetivos finais a que nos propusemos atingir... Hoje há um amadurecimento, por exemplo, nas empresas de papel e celulose no Brasil. Já não tem mais aquele empresário que pensa em plantar 500 mil hectares de florestamento contínuo, que fica até uma coisa feia. Hoje, a maturidade dos empresários está fazendo com que eles contratem uma parte do florestamento de pequenos e médios proprietários, que podem partilhar uma parte da sua terra com a produção agrícola e outra parte com a produção de madeira. Essa é uma evolução, tanto junto aos pequenos e médios proprietários brasileiros, quanto junto aos grandes empresários da área de papel e celulose.

O mesmo tem acontecido com o Programa de Biodiesel que, na medida em que cresçam as necessidades e a produção em escala, cresça muito, nós não podemos, em nenhum momento, substituir o objetivo principal do biodiesel, que é desenvolver as regiões mais pobres do Brasil, plantando oleaginosas que possam contribuir, não apenas com o combate ao esquentamento do



Planeta, o que vocês chamam de efeito estufa, mas também para a geração de riqueza e de renda para milhares e milhares de pessoas que estavam vivendo sem esperança. O biodiesel, com os leilões que nós fizemos este ano, nós garantimos, em apenas dois anos, 205 mil famílias plantando ou dendê, ou girassol, ou soja, ou algodão, ou mamona, e essas pessoas estão vivendo com muito mais dignidade do que viviam há três ou quatro anos.

Pois bem, se nós temos uma matriz energética que, grande parte dela pode... Ela é utilizada pelos nossos rios, estamos evoluindo muito na questão da energia produzida pela biomassa, estamos evoluindo na energia eólica e poderemos evoluir em tantos quantos tipos de energia renováveis nós pudermos. Recentemente, nós retomamos Candiota, no Rio Grande do Sul, que é uma energia que não é das mais saudáveis e não é das mais recomendáveis, mas é a necessidade de ativar uma região que estava ficando empobrecida por falta de incentivos econômicos.

Acho que nós temos que compatibilizar, de forma correta e serena, o combate aos desmatamentos com a cobrança política – em todos os fóruns – do compromisso dos países ricos, já que não basta os países ricos oferecerem o crédito de carbono para que nos dêem um pouco de dinheiro e continuarem poluindo o Planeta. O compromisso deles não é apenas nos dar dinheiro, o compromisso deles é diminuir a poluição no Planeta, no seu país.

Os Estados Unidos ainda não assinaram o Protocolo de Quioto, tem outros países importantes que não assinaram, e nós não podemos fazer vista grossa, porque criaram mecanismos alternativos de compensação para os países emergentes. É preciso que a gente utilize esses recursos que estão disponibilizados – que eu não sei quando vão sair –, mas é importante que a gente cobre responsabilidade deles, porque são os países ricos responsáveis por mais de 70% da poluição do Planeta e, portanto, eles têm que ter compromisso. Porque senão, fica a política do esperto, ou seja, eu já desmatei, eu já poluí o rio, eu já acabei com tudo, agora eu vou criar uma política de



compensação para os países pobres, eles não fazem mais nada e continuam pobres a vida inteira e nós vamos nos desenvolver cada vez mais.

Esse debate tem que ficar claro e vai ficar muito mais claro e com muito mais autoridade para nós se a gente estiver cumprindo os nossos compromissos, porque nós não temos que pensar apenas em nós que estamos vivendo o século XXI. Nós temos que pensar naqueles que virão no século XXII, nós temos que pensar nas novas gerações que irão habitar o Planeta daqui a 100 anos, daqui a 150 anos. O que eu vejo, na verdade, é muita gente fazendo exposições sobre o efeito estufa, sobre o esquentamento do Planeta, o que eu vejo é muita gente, alguns até fazendo muito terrorismo, mas o que eu vejo é pouca gente dos países ricos cumprindo as suas obrigações. Os carros continuam poluindo, continuam consumindo mais petróleo do que deveriam, continuam fazendo o que não é preciso fazer. E se quiserem evitar que os carros emitam muitos gases, é só começar a utilizar o biocombustível, que nós produzimos aqui, e poderemos vender para eles com muita facilidade, a um preço muito barato.

Eu quero, Pinguelli, dizer para você o seguinte: da minha alegria de saber do trabalho que vocês fizeram, a quantidade de reuniões que fizeram nesses dois anos significa que vocês levaram muito a sério a tarefa que receberam. O fato de envolvermos 13 ministros para participarem disso é a demonstração de que não é um discurso eleitoral, de que não é um discurso para a televisão, de que não é um show de pirotecnia. É uma política de Estado e nós queremos criar as bases para que ela seja definitiva e, por isso, é importante envolver a sociedade brasileira, envolver as entidades da sociedade brasileira.

Eu não poderia terminar sem dar os parabéns a vocês. Espero que a nossa Delegação possa, em Nairobi, conseguir convencer a todos os delegados que lá estarão de que a nossa proposta é boa, porque se vocês conseguiram me convencer, certamente vocês conseguirão convencer tantos





outros habitantes do Planeta.

Meus parabéns e muito obrigado pelo trabalho apresentado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a inauguração da segunda ponte sobre o rio Orinoco**

**Ciudad Guayana-Venezuela, 13 de novembro de 2006**

Senhor Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Senhores ministros de Estado da Venezuela, Nicolás Maduro, das Relações Exteriores; José Khan, da Indústria Básica e Mineração; José Davi Cabello, da Infra-Estrutura; Rafael Ramírez, de Energia e Petróleo e presidente da PDVSA,

Senhores governadores da Venezuela,

Senhores governadores brasileiros,

Ministros Celso Amorim, das Relações Exteriores; Silas Rondeau, de Minas e Energia,

Meus amigos governadores Blairo Maggi, e Eduardo Campos, do estado de Pernambuco,

Senador Marcelo Crivella,

Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro Emílio Odebrecht, presidente da Odebrecht,

Meus amigos deputados,

Embaixadores,

Governador da China,

Homens e mulheres da Venezuela,

Meus amigos da imprensa,

Meu companheiro Chávez,

Eu vou dispensar o meu discurso por escrito e vou falar um pouco do meu sentimento. Há pouco eu vinha no carro e o meu ministro Celso Amorim



me chamava a atenção para a coisa fantástica da semelhança entre o povo da Venezuela e o povo do Brasil, estampada na beleza das pessoas, na cor das pessoas e, sobretudo, na alegria estampada no rosto de cada homem e de cada mulher.

Eu estava pensando que faz 10 dias que terminaram as eleições no Brasil e, graças à generosidade do povo brasileiro, fomos reeleitos com 61% dos votos do povo brasileiro. E isso aumenta a minha responsabilidade, não apenas com o povo brasileiro, sobretudo com o povo mais pobre do meu País, porque eu quero governar para todos, para ricos e pobres, mas os pobres terão que ter preferência nas ações do nosso governo. E por que eu estou dizendo isso aqui na Venezuela? É porque eu conheço um pouco a história deste País, porque conheço um pouco a trajetória política do presidente Chávez e porque sei que aqui, como no Brasil, muitas vezes somos vítimas de incompreensões, de preconceitos de pessoas que governaram os nossos países durante séculos e séculos e que não aceitam que alguém que pense diferente, que alguém que queira cuidar do povo, seja governante. Eles se habituaram a governar o país para 30% ou 35% da população. Para muita gente na América do Sul e na América Latina, pobre é apenas um número estatístico, pobre não é levado em consideração na divisão da riqueza do país. Para nós, pobre não é um número estatístico, é um ser humano com alma, com consciência e com coração e que não reivindica nada que não possa ser atendido. Os pobres, presidente Chávez, querem ter o direito de trabalhar, querem ter o direito de estudar, querem ter o direito de acesso à saúde, querem ter o direito de acesso à habitação. Ou seja, eles querem apenas conquistar o elementar, que é a cidadania de homens e mulheres do nosso continente.

Durante séculos isso foi negado. Milhares de pessoas já morreram neste continente porque acreditaram na liberdade, porque acreditaram na independência e porque queriam fazer justiça social. Agora, quis Deus, que nós tivéssemos uma América Latina e uma América do Sul um pouco



diferenciadas. Já não é apenas o companheiro Chávez, presidente da Venezuela, já não é apenas o presidente Lula, presidente do Brasil, outros presidentes foram eleitos democraticamente. Poderia citar a nossa querida Michelle Bachelet, no Chile, poderia citar o nosso querido companheiro Kirchner, na Argentina, poderia citar Tabaré Vázquez, no Uruguai, poderia citar Nicanor, no Paraguai, poderia citar Evo Morales, na Bolívia, poderíamos citar tantos e tantos companheiros que vão sendo eleitos. E a mais recente eleição é a recondução da Frente Sandinista no governo da Nicarágua. Lógico que a democracia que nos elege para presidente nos impõe muita responsabilidade e exige muito de nós, porque quanto mais responsabilidade tem o povo, quanto mais democracia vive um povo, mais ele será exigente. Esteja certo, companheiro Chávez, que este povo que gosta muito de ti será muito mais exigente no segundo mandato do que foi no primeiro.

Eu tenho consciência de que o povo brasileiro, que me deu a segunda chance, será também muito mais exigente e nós teremos que fazer muito mais por ele do que fizemos no primeiro mandato. Uma coisa eu quero que o povo da Venezuela compreenda, quero que os meus companheiros do Brasil compreendam e quero que o meu querido companheiro Chávez compreenda: não há saída para um país da América Latina sozinho. Ou nós acreditamos na integração de fato e de direito e trabalhamos para que essa integração aconteça no âmbito da política, no âmbito da cultura, no âmbito do desenvolvimento tecnológico e científico... porque todos vocês adoram a palavra integração, mas nada fala mais alto do que a gente olhar a imagem extraordinária de uma ponte que significa desenvolvimento para a Venezuela, significa melhoria da qualidade de vida para o povo da Venezuela e significa muito mais esperança para o futuro.

Quero dizer ao meu companheiro Chávez que eu sei que tem eleições no dia 3. Eu não sou venezuelano, não posso dar palpite na política da Venezuela. Eu me lembro do discurso que você fez em Pernambuco, dizendo



que não podia falar de política e falou, mas eu não vou falar. Eu não vou falar por uma questão muito simples: aqui neste país acontece exatamente o mesmo que acontece no Brasil. Eu conheço o tipo de crítica que fazem a você. É a mesma crítica que faziam a mim. Os banqueiros ganharam muito dinheiro no Brasil e, certamente, ganham muito dinheiro aqui na Venezuela. Alguns empresários ganham muito dinheiro aqui, como ganharam muito dinheiro lá. Mas, se tiverem que fazer uma opção entre você e um outro que seja mais próximo deles, não tenha dúvida de que o preconceito fará com que eles estejam do lado de lá. A nossa garantia é que o povo trabalhador, os estudantes e os empresários sérios de cada país sabem que, há muitos anos, o Brasil não tinha um governo para fazer as políticas sociais que nós fizemos. E eu não tenho dúvida de que aqui, na Venezuela, havia muitos e muitos anos que não tinha um governo que se preocupasse com a gente pobre como tu tens te preocupado.

Eu vim aqui em 2003, estive aqui junto com Chávez, com Emílio Odebrecht, com Celso Amorim, há três anos esta ponte estava apenas começando. Depois eu fui a Caracas, vi a televisão, e voltei para o Brasil dizendo a mim mesmo que jamais eu tinha visto um tipo de comportamento de um tipo de meio de comunicação, agredindo um presidente da República, como tu fostes agredido. Eu jamais imaginei que isso pudesse acontecer no Brasil, e aconteceu o mesmo, querido companheiro. A coisa que mais consolidou a minha consciência, de que nós estávamos certos, é que o povo reagiu no momento certo. E o mesmo povo que elegeu a mim, que elegeu a Kirchner, que elegeu Daniel Ortega, que elegeu a Evo Morales, certamente irá te eleger presidente da República da Venezuela.

E, no segundo mandato, todos nós, presidentes dos países da América do Sul e da América Latina, precisamos trabalhar a integração como jamais trabalhamos. Nós temos que fazer uma interligação entre as nossas estradas, temos que construir as ferrovias que precisam ser construídas, as empresas de



petróleo de nossos países precisam trabalhar juntas. O Brasil precisa da Venezuela e a Venezuela precisa do Brasil. Os nossos empresários, Emílio, podem ajudar na transferência de tecnologia para a Venezuela, a Venezuela não pode ser eternamente um país exportador de petróleo e de gás, tem que ter indústria aqui, tem que ter conhecimento científico e tecnológico para que essa juventude tenha onde trabalhar e possa ter na Venezuela um paradigma de um modelo de desenvolvimento que dê oportunidade a todo mundo.

Saio hoje da Venezuela mais convencido do que quando vim aqui há alguns anos atrás de que valeu a pena. Valeu a pena acreditar na aliança Brasil e Venezuela; valeu a pena acreditar na integração da América do Sul; valeu a pena fazer parcerias. E não se incomode, presidente Chávez, de vez em quando tentam fazer intrigas entre Chávez e Lula, tentam criar divergências entre nós. Eu aprendi, desde pequeno, a conhecer as pessoas boas, não apenas pelas palavras, mas pelos olhos e pelo coração. E eu acho que você, Chávez, demonstrou ao povo da Venezuela que é possível crescer economicamente fazendo justiça social, de que é possível desenvolver a economia de forma justa para que todos participem.

Quero que saiba que o Brasil terá mais quatro anos de governo com os meus companheiros e que irei trabalhar com mais força, com muito mais ousadia para que a integração possa se consolidar e um dia um sonho daqueles que lutaram por liberdade na América Latina, que acreditaram em construir uma grande nação na América Latina, possa ser concretizado. Mesmo que tu e eu não consigamos viver esse momento, dormiremos com a consciência tranqüila porque fizemos a nossa parte e os nossos filhos e os nossos netos poderão viver na América Latina, sonhada por tanta gente que lutou.

Meu querido irmão, hoje o dia é teu, afinal de contas, a ponte é tua e a Venezuela não é tua, mas tu és da Venezuela.

Um grande abraço e boa sorte, companheiro Chávez.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da Campanha Nacional de Mobilização contra a Dengue e de entrega do Plano de Investimento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde**

**Rio de Janeiro-RJ, 18 de novembro de 2006**

Eu quero começar cumprimentando o nosso governador Sérgio Cabral,  
O nosso ministro da Saúde, José Agenor Álvares da Silva,  
O nosso ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim,  
O nosso ministro dos Esportes, Orlando Silva,  
Quero cumprimentar a deputada Jandira Feghali,  
Os deputados federais Luiz Sérgio e Carlos Santana,  
Quero cumprimentar o general Francisco de Albuquerque, comandante do Exército,

Quero cumprimentar o Fabiano Pimenta, secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso querido Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o secretário de Saúde do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o Percival Pires, o Perci, presidente da Estação Primeira da Mangueira,

Quero cumprimentar o Chiquinho da Mangueira, vice-presidente de Esporte da Vila Olímpica da Mangueira,

Quero cumprimentar o Tony Menezes, diretor do Ciep Nação Mangueirense,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras da área da Saúde, agentes de Saúde – não sei se estão aqui os mata-mosquitos, mas



cumprimentar os companheiros que têm um papel importante nessa luta contra a dengue,

Quero cumprimentar os jornalistas,

A nossa querida companheira Benedita,

E dizer para vocês o seguinte: eu e o Governador estamos com uma agenda extremamente apertada porque aconteceu a morte do senador Ramez Tebet e nós vamos ter que ir a Três Lagoas para o velório. Então, nós vamos ter que fazer o nosso tempo, aqui, menor.

Mas eu fiz questão de vir ao Rio de Janeiro, este ato poderia ter sido lançado em qualquer outro estado da Federação, ou mesmo lá em Brasília, e nós fizemos questão de vir ao Rio de Janeiro, primeiro, porque eu acho que as condições estão colocadas para que o governo federal e o governo do Rio de Janeiro tenham a melhor relação que já teve um governo federal com um governo do Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro é um estado extremamente importante, seja do ponto de vista econômico, político, seja do ponto de vista cultural. É o estado que vai sediar os Jogos Pan-Americanos que começam em julho do próximo ano, e nós temos a obrigação de mostrar para o mundo que o Brasil é muito melhor do que, às vezes, é mostrado lá fora.

E nada mais importante do que mostrar a cara do Brasil, se a gente cuidar bem da saúde do povo do estado do Rio de Janeiro e do povo brasileiro. E uma campanha em que fica claro, com as frases que estão estampadas nas camisetas, que não é apenas um ente federativo que tem a responsabilidade de bem cuidar para combatermos a dengue. Ou seja, é importante a ação do governo federal, é muito importante a ação do governo estadual, é muito importante a ação dos governos municipais – viu, Godofredo? –, mas é muito importante a ação de cada homem e de cada mulher do nosso País.

E por que é importante a ação de cada homem e de cada mulher deste





País? É porque, às vezes, a gente trata uma questão grave como essa como se acontecesse apenas na casa do vizinho, apenas na cidade próxima, apenas no estado do outro, ou apenas o parente do outro é que pudesse ser picado pelo mosquito e pegar a dengue.

Ou seja, o dado concreto e objetivo é que a forma mais eficaz de nós combatermos a dengue é a sociedade brasileira assumir, junto com as três instâncias de governo, neste País, a responsabilidade do que cada um de nós tem que cuidar. Ou seja, eu tenho que cuidar da minha casa para evitar que na minha casa nasçam os 200 ou 400 ovos que a mosquita vai pôr. Mas cada brasileiro, por mais humilde que seja, nessa questão da saúde ele tem que se igualar ao presidente da República, ao governador do estado, ao prefeito, ao ministro da Saúde, ao secretário municipal da Saúde, porque, muitas vezes, o problema está dentro da sua casa, dentro do território dele que, segundo a Constituição, é um território inviolável.

Eu já vi casos na imprensa de que moradores, muitas vezes, não deixam o pessoal da Saúde entrar na casa para fazer a fiscalização. E muitas vezes com razão, porque ele está com medo, por problema de segurança. Agora, se ele não quer deixar alguém entrar na sua casa, é importante que o filho, que a mulher, assumam a responsabilidade de não permitir que lá tenha os depositários onde os mosquitos vão fazer a festa de final de ano, como habitualmente eles fazem em muitos lugares deste País.

Na verdade essa campanha, além do que vai acontecer em todas as rádios do Brasil, na televisão, é muito mais um chamamento cívico aos 190 milhões de brasileiros e brasileiras. Cada um de nós pode, evitando que na nossa casa tenha o mosquito, evitar que na nossa cidade tenha, que no nosso estado tenha e que no nosso País tenha o mosquito. Portanto, não depende apenas da ação do governo, que tem que fazer o possível e o impossível para combater esse mal, mas depende da ação. Daí por que, meu querido Ministro, é importante que a gente trabalhe com uma propaganda que possa educar as



nossas crianças a chegarem em casa e cobrarem do pai ou da mãe se eles estão cumprindo com o seu dever cívico de cuidar da sua família, não permitindo que lá tenha o mosquito e a mosquita que vão causar o mal da dengue neste País. O desafio não é apenas do Ministro da Saúde ou do secretário de Saúde municipal ou estadual, o desafio é de todos nós. Muitas coisas neste País podem acontecer de forma melhorada se cada um de nós assumir o papel que nos é destinado, as obrigações morais de comportamento neste País.

Portanto, Agenor, eu estou feliz que tenha sido marcado aqui, no Rio de Janeiro, porque eu disse ao governador Sérgio Cabral: nós precisamos provar, uma vez na vida, que é possível a gente ter o governo do estado do Rio de Janeiro, a prefeitura do Rio de Janeiro e o governo federal trabalhando em harmonia, sem que haja disputa de espaço político entre as pessoas que dirigem este estado, porque toda vez que nós erramos na política quem paga o pato é o povo que, muitas vezes, não tem nada a ver com isso.

Então, eu quero dizer ao Sérgio Cabral – é uma pena que não está aqui o nosso prefeito – mas dizer a todos vocês e ao povo do Rio de Janeiro: eu agradeço, de coração, a confiança de mais um mandato que vocês depositaram em mim. E quero dizer para vocês que não haveria nenhum sentido voltar a ser presidente da República se eu não tivesse consciência de que tenho que fazer mais e melhor no segundo mandato. E esse mais e melhor passa por uma disputa harmônica entre o governo federal, os governadores de estado e as prefeituras deste País, porque juntos nós poderemos fazer muito mais do que se cada um de nós ficar pensando nas próximas eleições e achar que a vida da gente será facilitada se a gente ficar xingando um ao outro.

Quero dizer ao Sérgio Cabral que pode tomar posse, no dia 1º, com a tranqüilidade de quem vai ter um presidente da República que fará o que for possível e impossível para ser o seu companheiro nos bons e nos maus momentos do estado do Rio de Janeiro. Sérgio, neste País, quando acontece



um problema na área da saúde, por exemplo quando tem remédio demais, muitas vezes o prefeito diz: “Sou eu que cuido bem da saúde”. Quando falta remédio, é o governo federal o culpado e o governo estadual também. Quando se prende um bandido importante, tem governadores que gostam de fazer pirotecnia, até tirar fotos junto com o bandido importante. Mas, quando não se prende, a culpa é do governo federal. E assim, cada um vai responsabilizando o outro e ninguém assume a responsabilidade. O povo sabe de um ditado popular que diz o seguinte: “cachorro de muito dono morre de fome porque ninguém cuida”. E nós temos a obrigação de cuidar do povo brasileiro, porque a palavra governar é até meio estranha, na verdade, nós fomos eleitos para cuidar do povo brasileiro. Você tem que cuidar do povo do estado do Rio de Janeiro, eu tenho que cuidar do povo do Brasil, e cuidar deles com o mesmo carinho que a gente cuida dos nossos filhos e dos nossos netos.

Por isso, meu caro, além de fazer esse chamamento para que cada mulher e cada homem, cada criança, cada adolescente, assuma a responsabilidade de colocar o mosquito da dengue como o adversário principal nesses próximos dias e caçá-lo como se estivéssemos numa operação de guerra, a gente vai ter que provar, Sérgio – e eu tenho certeza que seremos capazes disso – de que não haverá nada, não haverá intriga, não haverá manchete de jornal, não haverá bate-boca entre políticos que vá fazer com que o governo federal e o estado do Rio de Janeiro deixem de trabalhar em harmonia. Até porque o povo me deu uma segunda chance e deu a primeira chance para você, e nós não temos o direito de desperdiçá-la por problemas menores, porque os maiores problemas são do povo brasileiro, e ele merece o nosso respeito.

Muito obrigado, boa campanha. E que Deus abençoe todos nós.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Hospital da Lagoa e assinatura do Decreto que retorna a gestão plena do SUS ao município do Rio de Janeiro**

**Rio de Janeiro-RJ, 18 de novembro de 2006**

Não estava previsto que eu falasse, mas eu quero falar, primeiro, para agradecer a compreensão que os funcionários desta Casa tiveram com uma briga desnecessária, uma confusão que terminou acontecendo entre o governo federal e o governo municipal na questão da Saúde, por causa de incompreensões em momentos políticos adversos.

Eu pedi para falar para dizer para vocês o seguinte: o QualiSUS surgiu por causa do Rio de Janeiro. Eu me lembro que uma vez chamei o ministro Humberto Costa na minha sala e falei: Ministro, eu canso de ver na televisão, e o Rio de Janeiro é vítima disso, porque sempre o Rio de Janeiro é uma espécie de cartão-postal, tanto de beleza como de coisas ruins que acontecem, porque aqui tem a mais poderosa emissora de televisão, então muitas coisas, no Rio, aparecem mais do que em outros estados. E eu cansava de ver os hospitais do Rio de Janeiro, muitas vezes, aparecer na televisão pessoas dormindo nos corredores, pessoas sendo tratadas nos corredores, pessoas chorando na porta, e eu disse para o Humberto Costa: Humberto, é preciso que a gente crie, no Rio de Janeiro, alguns centros de excelência. Não é possível que a gente só fique sabendo das coisas quando elas são ruins, ou seja, as coisas boas normalmente aparecem menos do que as coisas ruins. E aí criou-se o QualiSUS, que está tentando cuidar, em quase todo o território nacional, de 74 hospitais, centros de emergência, em vários estados da Federação.

Hoje, nós estamos aqui devolvendo ao Rio de Janeiro aquilo que é do Rio de Janeiro, da responsabilidade do Rio de Janeiro, numa parceria onde o Sérgio Cortes, que vivenciou esse momento do lado do governo federal, agora



do lado do governo estadual vai poder ser uma espécie de balizador do bom entendimento entre o governo federal, governo estadual e governo municipal.

O dado concreto, que está provado cientificamente, numericamente e politicamente é que se houver bom senso entre os governantes, os entes federativos vão funcionar em muito mais harmonia, e quem ganha com essa harmonia é o povo da cidade, o povo do estado.

Eu tenho dito ao companheiro Sérgio Cabral que a eleição dele para governador do Rio de Janeiro é, depois de muitos anos, a possibilidade que nós temos, concretamente, de uma fina harmonia entre o estado do Rio de Janeiro e o governo federal, e entre o governo federal e o Rio de Janeiro. Não só pela importância política, econômica, cultural do Rio de Janeiro, mas porque este estado, quer queiram ou não queiram, quando Deus fez o mundo, preparou ele para ser cartão-postal deste País. A natureza foi tão generosa e ela espera que os homens e as mulheres retribuam essa generosidade que a natureza deu ao Rio de Janeiro com bom senso nas suas ações políticas.

Acho que a indicação do nosso Sérgio Cortes para secretário de Saúde é uma possibilidade extraordinária. Eu espero que o Sérgio possa, junto com o Ministério da Saúde e com todos os companheiros da equipe de Saúde, ter em conta o seguinte: se depender do governo federal, nós nunca mais vamos ter crise de saúde no Rio de Janeiro.

Eu quero dizer isso na frente de vocês porque, muitas vezes, as coisas acontecem tão repentinamente que a gente é pego de surpresa, com uma notícia no jornal, é sempre assim: quando as coisas estão ruins numa cidade, culpam o governador; se estão ruins no estado, culpam o presidente da República; se estão ruins na Presidência, a gente não tem a quem culpar. Antes, a gente culpava o FMI, mas agora mandamos eles embora, não temos a quem culpar mais. E ao Presidente da República não interessa ter divergência com qualquer governador ou com qualquer prefeito. Até que se entende a divergência político-ideológica, a diferença partidária. O que não pode é que



essas divergências aconteçam na prática administrativa. Isso não pode, porque quem perde é o povo e, normalmente, os mais necessitados.

Eu queria agradecer não só a vocês, mas à doutora Roberli Bichara, pelo trabalho que você fez nesse tempo que você assumiu a responsabilidade. Eu tenho a convicção de que se não fosse a disposição dos servidores desta Casa, deste Hospital, de tratarem tudo o que aconteceu aqui com o carinho que vocês trataram, certamente nós não estaríamos colhendo o sucesso que estamos colhendo hoje.

Por isso eu quero, de coração, eu, que estive aqui em 1989, defendendo os interesses dos servidores desta Casa, quero agradecer a vocês, dizendo: valeu a pena acreditar em vocês. E eu espero que valha a pena vocês terem acreditado em mim e no Sérgio, para que a gente faça aquilo que tem que ser feito pelo Brasil e pela saúde do Rio de Janeiro.

Muito obrigado e parabéns, doutora Roberli.



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em ato público realizado após inauguração da unidade de biodiesel da usina Barralcool**

**Barra do Bugres-MT, 21 de novembro de 2006**

Meus amigos e minhas amigas de Barra do Bugres, na verdade, não estava previsto que a gente fizesse um ato público. Mas me deixem dizer uma coisa para vocês. Primeiro, eu quero agradecer o fato de o governador Blairo Maggi ter ido a Brasília, termos feito esta agenda aqui, e o apoio que o governador Blairo Maggi me deu, no segundo turno, que foi fundamental em todo o território nacional. Eu quero agradecer ao nosso querido prefeito, ele disse que a gente ia passar aqui só para fazer um tchauzinho para o povo, viu Aparício? Tudo bem? O Aparício vai me entregar um documento aqui. O que é esse documento, Aparício?

Meus companheiros e companheiras de Barra do Bugres, nós viemos aqui hoje inaugurar uma fábrica de biodiesel. Vocês sabem que nós, a partir de 2003, começamos a colocar o biodiesel como uma parte do combustível que é utilizado nos ônibus, nos caminhões e nos tratores neste País. Nós estamos apenas começando. Mas a criação de uma fábrica, aqui, vai permitir que mil, 900, 1500, 2000 trabalhadores da agricultura familiar possam produzir produtos e vender para a fábrica para poder produzir biodiesel. Vai ser uma mistura do empresário agrícola com a agricultura familiar e a gente vai transformar o Brasil em um país que vai ser o país mais competente no mundo na produção do agrocombustível, energia renovável, combustível renovável, para que o Brasil possa se desenvolver.

Eu só quero dizer para vocês, eu quero agradecer, do fundo do coração, a confiança que vocês depositaram em mim nas eleições, que depositaram no Blairo. Quero dizer para vocês que eu tenho duas coisas que eu (inaudível) em



Brasília, na verdade a gente nem deveria utilizar a palavra governar, porque a palavra correta deveria ser cuidar. O Blairo tem que cuidar do estado do Mato Grosso, eu tenho que cuidar do Brasil, mas, sobretudo, nós temos que cuidar das pessoas mais necessitadas deste País. Porque sabe o que acontece? Uma pessoa que ganha um bom salário, uma pessoa que toma café, almoça e janta todos os dias, uma pessoa que tem casa para morar, essa pessoa acredita menos no governo do que as pessoas mais pobres. Então, nós precisamos priorizar as pessoas mais pobres deste País, garantir mais educação, garantir mais oportunidade de emprego, sobretudo cuidar das nossas crianças, cuidar da nossa juventude e cuidar dos nossos homens e mulheres que não podem continuar passando privação neste País.

Eu posso dizer para vocês que nós vamos trabalhar, no segundo mandato, para fazer muito mais e fazer muito melhor do que nós fizemos no primeiro mandato, para que a gente possa ver as mulheres, os homens e as crianças deste País tomarem café todos os dias, almoçar, jantar, estudar e terem oportunidades de trabalhar.

No mais, meus companheiros e companheiras, eu queria agradecer a vocês, porque eu tenho que voltar a Brasília, chegar antes das 18 horas, ainda tenho que ir até Cuiabá, e dizer obrigado pela manifestação, dizer que Deus abençoe todos vocês e até outro dia se Deus quiser. Um abraço.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da unidade de biodiesel da usina Barralcool  
Barra do Bugres-MT, 21 de novembro de 2006**

Eu estou vendo que o pessoal está com fome, eu mandei retirar o discurso por escrito, que estava meio longo.

Eu quero primeiro cumprimentar o nosso companheiro, governador do estado, Blairo Maggi, e sua esposa Terezinha de Souza Maggi,

Quero cumprimentar os dois ministros que estão comigo, o ministro Silas Rondeau, de Minas e Energia, e o Paulo Sérgio, dos Transportes,

Quero cumprimentar o ministro interino do Desenvolvimento Agrário, nosso companheiro Marcelo Cardona,

Quero cumprimentar o Silval Barbosa, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Mato Grosso,

Quero cumprimentar o desembargador José Jurandir de Lima, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso,

O senhor João Nicolau Petroni, diretor-presidente da Usina Barralcool,

Cumprimentar nossa querida Serys,

Cumprimentar o senador eleito Jaime Campos,

Cumprimentar o senhor Aniceto de Campos Miranda, prefeito de Barra do Bugres,

Cumprimentar o deputado federal Wellington Fagundes,

Cumprimentar José Luiz Olivério, vice-presidente de Operações da Udesine,

Nosso querido companheiro Ginei,

Quero cumprimentar toda a diretoria da Usina Barralcool,

Quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar os acionistas da Barralcool,



Quero cumprimentar os funcionários, homens e mulheres,

Quero cumprimentar a imprensa

Quero cumprimentar cada companheiro ou companheira que está aqui presente neste evento,

Cumprimentar os nossos companheiros da imprensa para dizer para vocês que, a cada inauguração que eu vou de uma fábrica de biodiesel, eu sinto como se estivesse vendo o nascimento de um novo filho. E por que eu sinto essa sensação tão apaixonada? É porque uma nação só se constrói se ela for pensada estrategicamente a longo prazo e, lamentavelmente, durante muitos e muitos anos, o Brasil foi pensado sempre a curto prazo. Tudo era trabalhado para que começasse e terminasse nos períodos eleitorais.

O biodiesel, por exemplo, foi descoberto pelo professor Expedito Parente, em 1975, e esse projeto do biodiesel ficou perambulando pelo Brasil em muitas universidades, maquininhas pequenas de amostra. É como se fosse um bibelô na mão das pessoas. E vendia-se ilusões e mais ilusões e acontecia exatamente aquilo, Blairo, que aconteceu com você. Ninguém acreditava e eu também não acreditava. Até que um dia, numa discussão sobre a independência energética do Brasil, na época a ministra de Minas e Energia, Dilma Roussef, o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, entraram na minha sala e falaram: “Presidente, nós queríamos lhe sugerir que tomasse – isso já estava no programa de governo das eleições de 2002, mas uma coisa muito vaga – e eles me disseram: “Presidente, nós temos que fazer no seu governo a revolução da agroenergia neste País. E me apresentaram a proposta, nós construímos um grupo de trabalho que envolveu, só do governo, 12 ou 13 Ministérios, depois envolvemos representantes de empresários, de institutos de pesquisa, do movimento sindical, de empresários do campo e trabalhadores rurais.

Eu sei que quando terminou, o grupo tinha sessenta e poucas pessoas que me apresentaram o projeto. Preparamos todo o marco regulatório,



preparamos todas as dúvidas que se apresentaram durante os debates e fizemos um acordo com a indústria automobilística. O acordo é tímido, nós poderíamos agora, e eu posso dizer para vocês que nós poderemos queimar várias das etapas que estão previstas na lei que foi aprovada, que previa atendermos a B-2 até 2008, produzindo 840 milhões de litros de biodiesel, e previa a gente chegar, em 2013, a construir a B-5, que era colocar 5% de biodiesel no óleo diesel deste País.

Na minha avaliação, não sou pesquisador, não sou técnico, sou apenas um político, Blairo, hoje eu posso te dizer que, na minha opinião, o Brasil já está preparado para a B-5, para a B-10, porque tem muitos testes feitos em vários lugares deste País, onde carros já estão andando com muito mais de 10, 15 ou 20%, e não tem acontecido nada no motor. Obviamente que eu compreendo o medo da indústria automobilística e o cuidado que ela tem que ter, porque os produtos, os carros fabricados são produtos mundiais, os mesmos carros têm peças produzidas em quase todo o Planeta, então, eles têm que ter, do ponto de vista do nome deles, da qualidade deles, têm que ter a preocupação. Mas eu acho que o Brasil precisa dar um passo adiante, nós precisamos produzir um motor que não tenha medo de utilizar 100% de biodiesel, que não tenha medo de fazer o que o faz o flex-fuel, hoje, no País.

Vocês estão lembrados que, na década de 80, nós chegamos a ter quase 90% de carros a álcool no Brasil. E, um belo dia, a gente não tinha mais nada, porque a indústria não produzia mais, porque não era economicamente viável. E, do ponto de vista da matriz energética, o petróleo era tão barato que não compensava fazer nenhuma inovação para manter o carro a álcool e praticamente a indústria não produziu mais nenhum carro a álcool.

Quando nós ganhamos as eleições começamos a provocar a indústria automobilística e os usineiros deste País que produziam álcool de que era preciso voltar a produzir carro a álcool. Propostas apareceram às dezenas, desde a proposta de todos os carros públicos serem a álcool, toda a máquina



de carros dos estados ser a álcool, até a proposta de renovação da frota com a constituição de um bônus para comprar os carros velhos e vender os carros novos a álcool. Apareceram 500 propostas. Mas qual foi a proposta que a gente pode dizer revolucionária? É que a indústria automobilística descobriu que era possível produzir um carro, que hoje já não é mais flex-fuel, já tem triflex, daqui a pouco vai ter quadriflex, cinquiflex, ou seja, por quê? Porque hoje está provado que você pode utilizar álcool e gasolina do tanto que você quiser, pode usar um, pode usar outro. E isso para o povo é uma coisa extraordinária, porque tem a flexibilidade dos preços.

Hoje, Silas, eu não sei se estou com o número decorado, mas se a gasolina estiver no posto, se o álcool estiver no posto, valendo mais de 70% do valor da gasolina, não é economicamente viável colocar álcool. Então, o que nós precisamos é dar para o povo uma amostragem das possibilidades que ele tem. E, hoje, 75% dos carros produzidos no mercado interno são carros flex-fuel. E agora já tem o carro a gasolina, a álcool e agora a gás também.

Então, eu acho que o Brasil está entrando, eu diria, na sua maturidade de nação soberana. E o biodiesel é uma dessas revoluções. Eu sei da descrença de muita gente, mas faz dois anos que nós começamos esse projeto. Não tínhamos há dois anos atrás nem um posto de gasolina vendendo biodiesel. Hoje já temos 3 mil e 600 postos vendendo biodiesel. Nós não produzíamos quase nada, a não ser pequenas amostragens. Hoje já temos contratados todos os leilões para produzirmos 840 milhões de litros de biodiesel. Os agricultores familiares andavam por aí, sobrevivendo às custas de milagres. Hoje, só por conta do biodiesel, com os leilões feitos, serão 205 mil famílias com emprego garantido e, portanto, com a sustentabilidade da sua família garantida.

E nós temos que ter consciência, governador Blairo, de que o mundo não pode competir com o Brasil em se tratando de agroenergia; o mundo não tem como competir com o Brasil na produção de álcool; o mundo não tem



como competir com o Brasil na produção de biodiesel. Até tem território maior que o Brasil, a China é maior que o Brasil; a Rússia era, quando era uma só, maior que o Brasil; os Estados Unidos são maior que o Brasil. Mas, no Alasca, o que se planta lá? Aqui no Brasil, não. Nós temos oito milhões e meio de quilômetros quadrados e, coisa como a mamona, dizem que até em pedra, se a gente plantar, dá. Obviamente que a mamona tem que ser plantada numa certa altura ao nível do mar, para produzir muito mais.

Mas o dado concreto é que a gente poderia pegar uma flor como essa aqui, que a gente, antigamente, não sabia para que servia, a não ser para embelezar a natureza. Hoje a gente pode pegar a semente do girassol e dizer: daqui eu vou produzir o combustível para tocar o trator do senhor João. Qual é o país que pode competir conosco? Os Estados Unidos, para produzir álcool de milho, vão gastar três vezes mais do que nós e, se ele continuar produzindo de milho vai ser bom, porque o nosso governador Maggi vai aumentar a produção de milho aqui e vai ganhar mais dinheiro ainda, porque os americanos vão produzir biodiesel.

A mamona para o Nordeste brasileiro, a mamona para o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais; o girassol para quase todo o Brasil. Agora, o pinhão manso, que o senhor João disse que está produzindo aqui. O pinhão manso foi uma árvore utilizada para recuperar o solo de Cabo Verde, logo que os portugueses lá chegaram. Agora, a gente descobre que o pinhão manso é o irmão da mamona, mas que não tem a glicerina da mamona, que é uma árvore perene e, portanto, a gente pode produzir dele, o biodiesel. Além disso, o dendê, pelo Norte do País. Então, um país que tem as condições que tem o Brasil, além do caroço de algodão, que o Maggi produz aí, a gente vai pegar esse caroço de algodão para fazer mais óleo.

Então, meu querido Blairo, eu acho que o Brasil entrou em uma fase em que ele tem que se autodefinir enquanto nação. Você tem a oportunidade de ter um segundo mandato, eu tenho um segundo mandato. O primeiro mandato



foi para a gente arrumar a casa, porque no Brasil, normalmente, nós temos o hábito de jogar os insucessos nas costas dos outros e o sucesso nas nossas próprias costas. No Brasil é assim: a agricultura tem momentos bons, tem momentos menos bons, tem momentos que dependem da gente, tem momentos que não dependem da gente, tem momentos em que o dólar aumenta, tem momentos em que o dólar baixa, tem momentos em que o mundo produz demais e, quando o mundo produz demais, os preços caem.

E a gente, então, de vez em quando, joga a culpa toda no governo. O governo é como se fosse um pote de água benta, cabe tudo ali, e, na verdade, quando as coisas estão bem, as pessoas não falam. Por exemplo, eu não vi ninguém do café dizer que o café está bem, e está bem desde que nós entramos no governo, porque estava a 37 dólares a saca. Passamos a virar o maior exportador de carne do mundo. A indústria do álcool estava quebrada e era tratada neste País como se fosse uma prostituta. Hoje, está recuperada, os empresários com prestígio e o Presidente da República, que não tem vergonha de defender os vendedores de álcool, sai pelo mundo afora vendendo o álcool brasileiro. Eu só não vendo a alma lá fora, o território nacional e a nossa soberania. Mas, quem tiver um bom produto para vender lá fora, me dê que eu saio por esse mundo afora vendendo, porque o Brasil precisa exportar muito mais do que exporta.

Então, nós estamos com a situação extremamente favorável. A economia precisa crescer mais, é verdade, e ela só vai crescer com responsabilidade, porque se a gente acha que pode inventar uma mágica e, daqui a pouco, anunciar uma chamada mágica que a gente quebre a cara, como quebramos ao longo da história do Brasil... O Brasil já esteve, várias vezes, preparado para ser uma potência. Todo mundo ia dormir como potência e acordava de manhã sem a potência, todo mundo sabe disso. Os agricultores sabem o que foi o dólar “um por um” neste País, sabe o que foi quando mentiram ao povo brasileiro, dizendo que um real valia mais que um dólar e



que o peso argentino valia mais que um dólar. Nunca valeu. E quando as coisas se ajustaram, muita gente foi dormir rico e acordou quebrado. Então, nós não vamos brincar com a economia brasileira. Não peçam para eu anunciar mágica, eu quero anunciar seriedade, eu quero poder dizer de dia o que digo à noite. Nós não abriremos mão da responsabilidade fiscal. Este País não voltará a ser uma jogatina, este País vai ter que aprender a ganhar dinheiro produzindo com responsabilidade e fazer distribuição de renda com responsabilidade, e já está preparado para isso. Nós não temos que fazer mais nenhuma aventura. O que nós temos é que destravar o País, porque os prefeitos que estão aqui sabem que as prefeituras não têm nenhuma capacidade de investimento hoje. Aliás, eu, de vez em quando, fico perguntando: como é que alguém quer ser prefeito? Porque, às vezes, vivem apenas por conta do Fundo de Participação dos Municípios, às vezes os prefeitos não têm nem disposição de cobrar IPTU, porque só tem uma casa boa para pagar IPTU na cidade e ele tem medo de cobrar. Então, eu quero destravar.

Os estados estão quase todos quebrados, os estados não têm quase nenhuma capacidade de investimento. Se o estado não investe, o município não investe e a União não investe, quem vai investir? Ninguém vai investir. Então, eu vou me dedicar até o dia 31 de dezembro para destravar o País. Ou seja, tem algo – e não me pergunte o que é ainda, que eu não sei, e não me pergunte a solução, que eu não a tenho, mas vou encontrar – porque o País precisa crescer, porque somente o crescimento é que vai garantir o crescimento da qualidade de vida do nosso povo, vai aumentar a renda do nosso trabalhador e vai permitir que as pessoas conquistem a sua cidadania com a maturidade que nós precisamos.

E aí eu volto à questão do biodiesel. Veja, eu discuti muito, senhor João, a questão do álcool com os japoneses. Levei uma delegação de empresários para o Japão, constituímos um grupo de trabalho, lá com o Japão, e o



problema qual é? É que quando a gente transforma um produto em combustível e a gente quer colocá-lo no mercado internacional, precisa ter o máximo de seriedade. Porque na hora em que a gente se compromete a entregar um produto, e os que forem comprar de nós vão ter que entregar para os seus consumidores, aí não tem brincadeira. No Brasil nós tivemos um tempo em que as usinas que produziam álcool ou açúcar agiam, muitas vezes, de forma meio malandra. Quando o açúcar crescia no mercado internacional, diminuía a produção do álcool e aumentavam a de açúcar. Nós não podemos ser assim, porque assim nós não passamos seriedade. Nós temos que ter cotas para entregar ao mundo e a nós. E todo mundo tem que saber que, se tiver um carro a álcool, esse carro tem que ter combustível. Essa seriedade vai dar para nós muito mais possibilidades de nós vendermos do que qualquer pessoa que a gente mande viajar o mundo.

Então, nós hoje estamos com praticamente 96 usinas para serem construídas no Brasil. O mundo inteiro está de olho no álcool do nosso País e o mundo inteiro está de olho no biodiesel deste País. Se a gente tiver seriedade, o governo mantiver as políticas públicas corretas para incentivar a indústria, se a Petrobras agir corretamente, assumindo que ela é cúmplice na produção do biodiesel, a gente vai poder, em poucos anos, dizer que o mundo não será mais escravo do petróleo. E isso não é mau para a Petrobras, porque a Petrobras vai poder vender mais petróleo para fora, vai entrar na OPEP, vai ficar mais importante, vai ter mais dólar aqui dentro. E a gente vai poder andar com um carro que, quando a gente ligar o motor, vai ter um cheiro de um bife acebolado, um cheiro de óleo de soja ou um cheiro de girassol e não um cheiro de enxofre que a gente tem hoje. Ou seja, a gente vai melhorar a qualidade do produto brasileiro.

E vocês podem acreditar numa coisa: o mundo está ficando convencido disso. Quando nós começamos o biodiesel, eu me lembro de que a Petrobras, em 18 meses, inventou o H-Bio. E o que é o H-Bio? É pegar o óleo bruto, jogar





direto no óleo diesel e refinar na refinaria. Aquele óleo diesel sai sem enxofre, viu Gilnei, sem enxofre nenhum, de extraordinária qualidade. Se ele não tiver toda a viscosidade que tem que ter, a gente ainda introduz nele um pouquinho de biodiesel, e a gente vai poder vender o óleo diesel mais perfeito do mundo. E nós já temos a refinaria do Paraná preparada para isso, a refinaria de Belo Horizonte preparada para isso e a refinaria do Rio Grande do Sul preparada para isso. Logo, logo nós vamos ter todas as refinarias preparadas para isso.

E fiquem tranquilos, porque a Petrobras ainda vai construir algumas usinas de biodiesel que são estratégicas, possivelmente onde alguns empresários não queiram investir. Mas a Petrobras não vai interferir para que os nossos empresários possam investir onde bem entenderem, para que a gente possa transformar o biodiesel na matéria-prima, ou melhor, na matriz energética que dê independência ao nosso País.

Vocês vejam, por exemplo, o que aconteceu com o Brasil e com a Bolívia. O Brasil, de repente, priorizou uma matriz energética da qual não era independente, da qual nós não tínhamos auto-suficiência. Quando nós não temos auto-suficiência e o dono resolve dizer “não vou te vender”, nós ficamos com problemas. Isso vale para qualquer coisa. Se amanhã o Brasil disser “não vou vender soja para a China”, a China vai entrar numa situação difícil; se o Brasil disser “não vou vender açúcar” ou “não vou vender carne”, muitos países vão ficar prejudicados. Então, o que nós precisamos, em se tratando de energia, é ser auto-suficientes. Nós compraremos dos outros se o preço for compatível, sem que a gente abra mão daquilo que nós temos que produzir, porque energia e comida são o que garantem soberania a uma nação. Se a gente tiver o que comer e tiver energia, nós estamos tranquilos.

Eu estou orgulhoso, porque o senhor João, quando me convidou lá em Brasília, todo entusiasmado, em um leilão que houve lá, “o senhor vai ter que conhecer a Barralcool”, eu falei: eu vou lá conhecer. Aí aconteceu que juntou a fome e a vontade de comer. O Blairo foi a Brasília na semana passada e falou:



“Lula, vamos lá visitar o projeto”. E eu quero dizer, senhor João, que estou orgulhoso de ver um homem com mais de 30 anos, como o senhor, com o entusiasmo de um moleque de 40, disposto a investir muito mais. Silas, ele está se queixando que precisa de mais leilões, porque ele quer fazer mais empresas de biodiesel. Pode ficar certo de que vai ter.

Eu acho que, para o Brasil agrícola e para o Brasil industrial, esse programa de agroenergia vai permitir que a gente produza energia de madeira, vai permitir que a gente produza de bagaço de cana, de qualquer coisa. Nós temos que criar quantos institutos de tecnologia avançada forem necessários para que o Brasil ganhe cada vez mais espaço e cada vez mais credibilidade.

Eu quero dizer para vocês que só teve sentido eu me reeleger presidente da República, e só fui candidato por isso, porque eu queria provar, da mesma forma que eu provei que era possível cuidar dos pobres e consertar a economia, eu agora quero provar que é possível este País dar um salto de qualidade, crescer muito mais, distribuir muito mais renda, melhorar a vida e nós, brasileiros, pararmos de ser céticos. Nós, brasileiros, às vezes gostamos de fazer piada com a nossa própria desgraça. Mas a gente, de vez em quando, se esquece do potencial deste País. Este País não é exportador de soja apenas, este País exporta avião para o mundo inteiro. Não tem nenhum sistema financeiro mais perfeito do que o nosso. Está certo que ganham pouco demais com os juros mas, também, nós vamos ter que acertar essa situação. Mas o Brasil, hoje, é um país preparado. É com esse otimismo que eu quero começar o segundo mandato.

Eu estou me dedicando, neste mês de novembro e neste mês de dezembro, para ver se eu pego todos os entraves que eu tenho com o meio ambiente, todos os entraves com o Ministério Público, todos os entraves com a questão dos quilombolas, com a questão dos índios brasileiros, todos os entraves que a gente tem no Tribunal de Contas, para tentar preparar um pacote, chamar o Congresso Nacional e falar: “Olha, gente, isso aqui não é um



problema do presidente da República, não. Isso aqui é um problema do País”. Eu não quero saber se você é do PFL, do PSDB, do PT, eu não quero saber. Eu quero saber o seguinte: este País precisa de todos nós. Então, na hora de votar as coisas importantes, é preciso parar com a questão partidária, onde o PT fala: eu não faço porque eu sou defensor não sei de quem. Aí o PFL fala: eu não faço porque eu sou contra o governo.

Na hora em que o Brasil estiver em jogo, como é que a gente vai construir as termelétricas? A gente vai produzir energia do quê, neste País? Porque as pessoas não querem que a gente use carvão, as pessoas não querem que a gente faça termelétrica, as pessoas não querem usina nuclear, e não têm dimensão do preço da eólica, do custo da termelétrica a óleo diesel.

Então, o que nós precisamos, e aí eu quero defender a nossa querida companheira Marina, porque a Marina tem uma coisa que é o seguinte, ela fala: eu não estou aqui para proibir fazer, eu estou aqui para tentar discutir como fazer melhor, sem prejudicar o meio ambiente. Acontece que a legislação aprovada por nós – e eu já fui deputado – a gente coloca um item lá que se o cidadão do Ibama der uma licença prévia e tiver um problema de acusação contra ele, os bens dele são indisponibilizados. Então, ele tem mais é que cuidar de dizer: “Eu não vou liberar. E se eu for preso, quem vai pagar advogado para mim?”. Porque é assim, a gente faz as coisas desconfiando um do outro.

Então, Blairo, certamente, querido, nós vamos precisar do apoio dos 27 governadores, vamos precisar do apoio dos 81 senadores, vamos precisar do apoio dos 513 deputados. Não é que eu não quero que as pessoas votem contra, alguns podem votar. Mas o dado concreto é que a gente tem que medir quando é o Brasil que está em jogo ou quando é a eleição que está em jogo; quando é o Brasil que está em jogo ou quando é a pirraça eleitoral que está em jogo.

Essas coisas incomodam. A Lei Geral da Micro e Pequena Empresa



ficou quase dois anos para ser votada. O Fundeb, que é o Fundo Nacional da Educação Básica, que vai introduzir 5 bilhões a mais na Educação, está há dois anos para ser votado. Esse não é um problema meu, não sou eu que sou prejudicado, prejudicadas são as crianças que vão entrar na escola.

Então, Blairo, nós vamos ter que trabalhar em harmonia mesmo. Vamos ter que trabalhar em harmonia, vamos desafiar os empresários brasileiros às boas causas e aos bons investimentos. Vamos desafiar os Poderes Executivos municipal e estadual a trabalharem juntos. Vamos desafiar o Congresso Nacional a trabalhar com aquilo que são as propostas de interesse do Brasil.

E eu não vejo porquê, gente. Eu me deito, todo santo dia, e fico pensando no que acontece neste País, e eu não tenho como deixar de acreditar que o Brasil depende só de nós. O Brasil não depende de capital estrangeiro, o Brasil depende da decisão nossa de querer fazer o que nós temos que fazer. Construir a BR-158, aqui, não depende de nenhum gringo, depende de nós, no Brasil; construir a 163 depende de nós, no Brasil, depende de fazê-las com a força que nós queremos fazer.

Portanto, eu quero dizer para vocês: seu João, foi uma alegria comparecer à Barralcool, foi uma alegria. Vou sair daqui com fome, mas foi uma alegria. Segundo – um dia o senhor me paga um jantar ou um almoço – foi uma alegria, Blairo, poder passar esses dois dias, comer um carneirinho ontem – ninguém é de ferro, não é? – foi uma alegria, Blairo, poder conviver um pouco mais de perto com a sua família. E eu acho que é essa a relação que nós temos que ter. Afinal de contas, nós somos passageiros neste País. Na política, nós somos passageiros e, na vida, nós também somos passageiros. O que vai contar depois não é o tempo que a gente viveu ou o tempo de mandato que a gente teve. O que vai ficar para a história são as coisas boas que nós fizemos.

Então, eu vou terminar com uma coisa que eu disse aqui. Eu e Blairo só precisamos de uma coisa: deixa a gente trabalhar, que as coisas vão acontecer.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz  
**Discurso do Presidente da República**

---

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL211106-1.DOC>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita e entrega de trecho da BR 364, entre Sapezal e Comodoro**

**Sapezal-MT, 21 de novembro de 2006**

Meu querido governador do estado de Mato Grosso, Blairo Maggi, e sua mãe, senhora Lúcia Borges Maggi,

Meu caro Paulo Sérgio, ministro dos Transportes,

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Senadora Serys,

Meu caro prefeito João César Maggi, prefeito de Sapezal e sua esposa Odete Maggi,

Senhor Rui Igual, superintendente do DNIT em Mato Grosso,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Prefeitos,

Homens e mulheres do estado de Mato Grosso e da cidade de Sapezal,

Primeiro, Blairo, quero dizer que é uma alegria vir à cidade de Sapezal alguns dias depois das eleições que elegeram você para o segundo mandato e me elegeram para o segundo mandato.

Eu dizia ao governador Blairo Maggi que só tem sentido uma pessoa ser candidata à reeleição a qualquer cargo público se ela tiver consciência de que precisa fazer mais e fazer melhor do que fez no primeiro mandato. E todo mundo aqui sabe, Blairo, o que você fez neste estado de Mato Grosso. Todo mundo aqui sabe como é que nós encontramos o Brasil e como é que o Brasil está hoje, muito melhor e com muito mais possibilidade de um futuro melhor para a sociedade brasileira.

Quando a gente vem inaugurar 127 quilômetros de estrada, ligando



Sapezal a Comodoro, é a mesma coisa que a gente estivesse fazendo uma operação de safena numa pessoa que estivesse doente e a gente estivesse colocando algo novo para essa pessoa poder sobreviver.

O Brasil já fez a primeira parte. Nós já consolidamos a economia brasileira, nós já criamos as condições para este País dar um segundo passo, que é o passo do crescimento econômico, do desenvolvimento econômico e da distribuição de renda. E só é possível a gente fazer distribuição de renda se a economia brasileira crescer para gerar as oportunidades de emprego e gerar a quantidade de salários que nós entendemos que o povo brasileiro precisa ter direito. Se a gente compatibilizar o crescimento econômico com investimento na educação, para garantir um ensino de qualidade no ensino fundamental, para dar acesso à escola técnica para os nossos adolescentes, e garantir as possibilidades de chegar à universidade para as nossas meninas e para os nossos meninos, nós teremos a certeza de que, ao terminarmos esse segundo mandato, nós teremos feito aquilo que o Brasil está esperando há muitos e muitos anos.

Eu dizia ao governador Blairo que quando nós tomamos posse, o Brasil estava numa situação muito delicada porque a gente não conseguia exportar quase tudo que a gente produzia e tinha poucas reservas, ou seja, dinheiro em dólar para garantir as nossas importações e as nossas exportações. Hoje, nós temos um recorde histórico nas nossas reservas, que chegam a 81 bilhões de dólares. Nunca na história o Brasil teve tanta segurança de reservas em dólar para garantir o nosso crescimento. E isso se deve, sobretudo, Blairo, ao que representa a agricultura para o desenvolvimento deste País.

Houve um tempo em que tentaram dizer que o presidente Lula não gostava da agricultura, que não gostava de agricultor, que a agricultura estava em crise por conta do Presidente da República, e é importante, agora que passaram as eleições e que ninguém está pedindo voto aqui, que a gente possa dizer algumas coisas para vocês.



Primeiro, eu tenho consciência do que representa a agricultura brasileira, não apenas para o crescimento do estado de Mato Grosso, mas do que representa a agricultura brasileira para o desenvolvimento do nosso País, para a riqueza do nosso País, para a possibilidade de gerar empregos. Eu tenho consciência da qualidade dos empresários agrícolas brasileiros, como tenho consciência da qualidade da produção da agricultura familiar. Eu tenho consciência da importância da agricultura para a economia. O que nós precisamos garantir, coisa que o Brasil nunca teve, é que a gente tenha uma política de seguro agrícola, que não permita que o agricultor seja vítima da chuva, do sol ou de uma praga, e depois a gente ter que construir, às pressas, planos de salvamento para a agricultura. Se a gente consolidar uma política de seguro agrícola, todo mundo vai ter a certeza de que quando tiver uma crise vai ter o dinheiro para ressarcir o possível prejuízo que teve e tocar a agricultura no ano seguinte.

Nós passamos dois anos de crise na agricultura, uma crise profunda. Entretanto, este ano os sinais de que a agricultura brasileira vai se recuperar são extraordinários e nós, Blairo, não podemos esperar ter outra crise para resolver o problema da agricultura. Nós temos que aproveitar, no momento em que a agricultura se recupera, para que a gente possa estabelecer todas as políticas agrícolas necessárias para que numa próxima crise a gente não seja pego de calça curta como nós fomos pegos nessa crise agora, quando muita gente deixou de produzir, quando a indústria de máquinas deixou de vender e muitos trabalhadores foram mandados embora.

Nós vamos agora, aprendendo a lição que nós aprendemos, e com a possibilidade de mais quatro anos de governo, trabalhando de forma uniforme, governo do estado e governo federal, e a gente vai poder garantir que a agricultura brasileira não sofra mais a crise que sofreu nesses últimos dois anos.

Eu estou lembrado, Blairo, desde que eu comecei a fazer política, que





de tempos em tempos a agricultura entra em crise. Na verdade, nós temos uma crise da soja porque, na verdade, no Brasil, o café nunca ganhou tanto dinheiro quanto ganhou nesses anos; o açúcar e o álcool nunca venderam tanto como venderam neste ano, e a gente poderia pegar, por exemplo, o suco de laranja que também vende bem. Então, nós agora, queremos... tem uma criança passando mal aí, tem um médico aí?

Nós, agora, queremos trabalhar, governadores e presidente da República juntos, para que a gente possa pegar todos os problemas que aconteceram neste País e que não deveriam ter acontecido, para a gente evitar que aconteçam daqui para a frente.

Quando a gente olha para o mapa do estado de Mato Grosso, a gente percebe o potencial produtivo que tem este estado, mas a gente percebe que, também, ainda falta construir muitas estradas para que produtos produzidos aqui possam escoar por este Brasil afora, chegar aos Estados Unidos, chegar à Europa da forma mais rápida e mais barata possível. E para isso não tem outra alternativa, nós temos que investir nas estradas que precisam ser feitas. E aqui nós temos que acabar a 364, aqui nós temos que atacar a 158, nós temos que fazer as hidrelétricas do rio Madeira. E fazendo a hidrelétrica do rio Madeira nós vamos que ter fazer as eclusas para que os produtos possam sair pelo rio e chegar na Europa muito mais rápido, muito mais barato, para garantir mais rentabilidade e, conseqüentemente, mais investimento e mais emprego para as pessoas.

A nossa vinda a Sapezal, no dia de hoje, é extremamente importante para dar um sinal para a sociedade brasileira que político não pode andar fazendo ato público apenas em época de eleição. É importante, depois que acabam as eleições, que eles voltem ao lugar, não apenas para receber aplausos do povo, mas, também, para serem cobrados pelo povo, porque o povo tem o direito de cobrar de cada um de nós a expectativa que nós geramos na cabeça de vocês. Nós sabemos o que o povo necessita.



E eu queria Blairo, dizer para você, como um grande agricultor deste País, que não teve medo, que não teve nenhuma vacilação em me apoiar no segundo turno desta eleição, dizer para você: a agricultura brasileira foi, é e continuará sendo um dos pilares do desenvolvimento deste País. E por isso tem que ser tratada com o carinho que precisa ser tratada. Da mesma forma, a agricultura familiar, nós precisamos saber que milhões e milhões de pequenos produtores precisam do governo e o governo não pode faltar ao pequeno produtor, tem que garantir o preço, garantir o escoamento da produção, garantir assistência técnica.

Este estado aqui já demonstrou que tem um potencial extraordinário de desenvolvimento. E o desafio que está colocado para nós é desenvolver o estado preservando o ambiente corretamente, respeitando tudo o que a gente tiver que respeitar, para que a gente possa crescer do ponto de vista econômico, do ponto de vista da produção, mas que a gente também possa preservar o nosso estado para que os nossos filhos possam viver num mundo melhor do que o mundo que a gente está vivendo, num mundo mais sadio, num mundo com mais escola, num mundo com mais educação, com mais emprego e com mais oportunidade.

Por isso, Blairo, eu queria terminar dizendo a você que é uma alegria fazer a minha primeira viagem inaugurando uma obra aqui, na cidade de Sapezal, numa rodovia que liga Sapezal a Comodoro.

E daqui nós vamos inaugurar uma usina de biodiesel. O biodiesel, para quem não sabe ainda, é a utilização do óleo vegetal, como óleo diesel, é uma revolução energética neste País. Ele pode ser feito da mamona, ele pode ser feito da soja, ele pode ser feito do pinhão manso, que é um parente da mamona, ele pode ser feito do dendê, ele pode ser feito do caroço de algodão, ele pode ser feito da semente de girassol e de qualquer oleaginosa. O que significa o biodiesel para o Brasil? Significa que o Brasil está criando um combustível alternativo ao óleo diesel, significa que o Brasil vai ser o primeiro



país do mundo a permitir que cada um dos seus filhos possa dizer: no Brasil, nós estamos plantando petróleo”. E nós plantamos petróleo da soja, nós plantamos petróleo do algodão, da mamona, do pinhão manso, do dendê, e isso vai transformar o Brasil no país de maior potência energética no século XXI.

Nós ainda não temos dimensão e eu digo sempre para o Blairo: para os produtores de soja vai ser uma colher de chá extraordinária, porque a soja tem o preço controlado pelo mercado internacional, às vezes aumenta, às vezes cai. Na hora em que a gente introduzir a soja no óleo diesel, o que vai acontecer? Na hora em que o preço lá fora estiver pequeno, a gente produz mais biodiesel, na hora em que o preço lá fora estiver bom, a gente vende por um preço melhor e a gente vai garantir, numa regulação de mercado, como a gente regula hoje o álcool e o açúcar. O Brasil é o maior exportador de açúcar e o Brasil está se transformando no maior produtor e exportador de álcool também. Com a soja, pode acontecer a mesma coisa.

Então, Blairo, eu prevejo para os próximos anos momentos excepcionais para a agricultura brasileira, eu prevejo um momento excepcional de nivelamento de preço, para que as pessoas não tenham que comprar insumos a 10 e depois vender o seu produto a 8, que haja um certo equilíbrio. O Blairo sabe da preocupação que nós estamos com a questão do dólar e nós vamos trabalhar de forma carinhosa para que o Brasil viva os melhores momentos da sua história.

Eu só gostaria de terminar isso aqui dizendo aos nossos adversários: deixem os homens trabalharem porque a coisa vai acontecer neste País.

Muito obrigado, gente, e até outro dia.

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL211106.DOC>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço  
com governadores**

**Hotel Blue Tree – Brasília-DF, 23 de novembro de 2006**

Eu vou começar cumprimentando o nosso querido Henrique Fontana,  
líder do PT,

O nosso querido Neiva Moreira,

O nosso querido Binho Marques, governador do estado do Acre,

O nosso querido Waldez, governador do estado do Amapá,

Nossa querida Ana Júlia,

Nosso querido Marcelo Miranda,

Nosso querido Jackson Lago, que acabou de falar agora,

O João Lira, que é o vice do nosso querido Eduardo Campos,

O nosso companheiro Tarso Genro,

A nossa companheira Dilma Rousseff,

O Blairo Maggi, com quem eu tive o prazer de comer um carneirinho na  
segunda-feira, à noite,

O nosso companheiro Wellington, o cara que mais visita Brasília para  
arrumar dinheiro,

Meu querido Paulo Hartung,

Minha querida Wilma,

Meu caro Marcelo Déda,

Meu querido Eduardo Braga,

Pessuti,

Jaques Wagner, que foi a grande surpresa eleitoral do ano de 2006,

Meu caro Ivo Cassol,

Meu caro Puccinelli

Trevas,



O Sérgio Cabral chegou na hora de ouvir os elogios que eu ia fazer para ele, que não vou fazer mais.

Bem, Sérgio, eu ia começar a falar, mas você chegou na hora, se você demorasse dois minutos, viria aqui só para a gente comer.

Olhe, primeiro eu quero começar elogiando a idéia de vocês, governadores, de fazer uma reunião para discutir não apenas os problemas dos estados que, certamente todos vocês conhecem sobejamente, mas também para discutir e estabelecer uma relação entre o ente federativo governo dos estados e o ente federativo União. E logo, logo teremos que fazer coisas como essas com os prefeitos brasileiros, porque é dali que nascem muitos dos problemas e muitas das soluções que nós temos que enfrentar no Brasil.

E dizer para vocês que não há mais governo de oposição, nem governo de situação. A relação republicana que nós temos que manter com os estados brasileiros, com os governadores brasileiros e com os prefeitos brasileiros, na verdade, independe a que partido as pessoas são filiadas. Ou seja, para mim, a disputa político-ideológica terminou no dia da apuração. Agora, todos nós fomos responsabilizados a administrar este País de forma a atender às expectativas que a sociedade brasileira teve ao depositar os votos em nós, que tem agora, e vai ter muito mais quando a gente tomar posse.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que se nós soubermos trabalhar, nós poderemos fazer as reuniões envolvendo todos os governadores dos estados, até porque eu sou amigo de todos, independentemente daqueles que não estão aqui. A nossa relação com o Serra, com o Aécio, é uma relação histórica de 30 anos, não é uma relação de 30 dias ou de uma eleição. Eu conheço pouco o Alcides, de Goiás, mas ele será tratado igual a todos os companheiros que não são aliados de primeira hora ou companheiros de longa jornada. A Yeda Crusius, que é uma companheira que eu conheço menos, será tratada... Até porque vocês, quando vão num município, não olham a que partido o



prefeito é filiado, vocês olham a necessidade do povo do município. E eu, obviamente, tenho que olhar as necessidades do povo dos estados e não se eu me dou bem ou não com o governador. Isso não está mais em jogo, isso acabou na disputa do mês de outubro e o povo escolheu. Certo ou errado, nós estamos aqui, eleitos, e eu espero que seja certo.

E a segunda coisa, companheiros, é que todos vocês sabem que eu era contra a reeleição, eu tinha uma tese, na hora em que me dispus a ser candidato à reeleição é porque eu comecei a acreditar que era possível a gente fazer mais e fazer melhor do que fizemos no primeiro mandato, que era possível aproveitar o acúmulo de experiência que nós tínhamos tido, de uma forte política de inclusão social no País, para combiná-la, no segundo mandato, com uma forte política de desenvolvimento econômico do nosso País, porque se não for assim, todos nós sofreremos um baque muito grande no segundo mandato, viu, Eduardo Braga? No segundo mandato, o povo é mais exigente, pessoal, o povo quer saber mais, o povo quer exigir mais de cada um de nós. E se nós repetirmos apenas as coisas que nós já fizemos, o povo fala: o que adiantou? Quando é o primeiro mandato, como o Sérgio Cabral, como o Jaques Wagner, como o Déda, como o Binho, aí todo mundo fala: “Não, é a primeira vez, dá uma chance”. No segundo mandato, a cobrança será muito maior.

E nós estamos determinados a fazer as coisas melhor do que fizemos no primeiro mandato. Primeiro, a relação com os governadores. Obviamente que nós temos relações de amizade, uns mais amigos de outros, mas a relação de amizade é para as coisas íntimas de cada pessoa humana. A nossa relação tem que ser, sobretudo, uma relação profissional entre representantes de entes federativos que têm responsabilidade com o futuro deste País.

Da minha parte, vocês podem ter certeza de que eu estarei disposto a qualificar, da melhor forma possível, a nossa relação, de dar aos estados o tratamento republicano que todos nós esperamos que vocês dêem aos



municípios de vocês, porque daqui a dois anos já começa a guerra da eleição municipal.

E, ao mesmo tempo, dizer para vocês que nós temos muita coisa para resolver de forma unitária. Nós já sabemos que se houver entre nós defecções, numa discussão do aperfeiçoamento de uma reforma tributária, ela não acontecerá. Nós já sabemos que as reformas estruturais pelas quais o Brasil precisa passar só serão feitas se houver a concordância daqueles que foram eleitos para bem dirigir o destino dos estados e da Federação.

Eu estou, há mais de 15 dias, determinado a não discutir montagem de governo, não discutir nomes. Eu sei que setores da imprensa já tiraram uns 30 ministros meus, já colocaram uns 50, e eu, que deveria tirar, não tirei nenhum e não coloquei nenhum. E eu assumi a determinação de que, antes de discutir nomes ou cargos, eu quero discutir que tipo de política de coalizão nós vamos fazer, para a gente qualificar o jeito de governar este País e preparar o melhor para quem vier depois de nós, assumir a direção deste País.

Tive uma extraordinária reunião com o PMDB, nos quatro anos passados não houve oportunidade de fazer uma reunião como essa. Tive uma reunião, hoje, com a bancada do PTB que, unanimemente, está apoiando o governo. Terei uma reunião, na semana que vem com o PDT, com a direção do PDT, porque com os governadores e com os prefeitos eu já tinha uma extraordinária relação. Terei com o PV também, onde 12 dos 13 deputados decidiram apoiar o governo. Vou conversar com o PPS, a não ser que alguém não queira conversar, mas eu vou conversar. Vou conversar com os meus companheiros do PSB, porque a gente também vai deixando os que são aliados naturais por último e, daqui a pouco, eles se dispersam. Então, eu tenho que conversar com o PSB e com o PCdoB. Preciso fazer uma reunião com a bancada dos partidos e vou fazer, antes do dia 31 de dezembro, uma reunião com todas as bancadas dos partidos que estão nos apoiando. Já disse ao Arthur Virgílio que pretendo conversar com o PSDB e quero convidá-lo, a



ele e o Tarso, para conversar. Já conversei com o governador Arruda, de Brasília, do PFL, já conversei com o Cláudio Lembo, tem mais algumas reuniões com gente do PFL para fazer, na próxima semana. E vou fazer com todos os partidos políticos, a não ser que os partidos não queiram conversar comigo. Aí, se não quiserem, quando um não quer, dois não conversam, não é isso?

Mas vou conversar com todo mundo, por quê? Porque eu acho que no segundo mandato nós temos que provar que é possível governar o Brasil diferente do que habitualmente o Brasil tem sido governado. Nós não podemos mais ficar disputando se eu vou apoiar o Wellington porque ele vai me dar uma vaga em tal lugar, ou porque vai me dar um cargo. Eu estou disposto a construir um projeto de desenvolvimento para este País com começo, meio e fim, em que todos nós tenhamos responsabilidade de fazer a nossa parte. Por exemplo: muitos dos projetos de desenvolvimento que a gente tem no estado, às vezes estão parados porque o Ministério Público do estado entrou com uma ação. Ou, às vezes, eles estão parados porque o congênere do Ibama estadual entrou com uma ação. Eu dizia ao Sérgio Cabral: só da Petrobras tem 34 projetos parados no estado do Rio de Janeiro, porque o Instituto do Meio Ambiente de lá teve algum problema. Então, se nós não construirmos esse projeto conjuntamente, nós iremos passar quatro anos e os novos governadores vão perceber como passam rápido quatro anos. Quando você começa a pensar que vai tomar posse, acabou o mandato. Isso, se o povo não estiver na rua fazendo um barulho razoável para exigir de nós muito mais coisas do que nós já demos para eles, o que é também a consolidação da democracia neste País.

Então, companheiros, primeiro eu quero agradecer por ter sido convidado para este almoço, acho que foi muito importante. Eu dizia ao querido Sérgio Cabral o seguinte: a eleição do Sérgio Cabral, no Rio de Janeiro, tem um significado extremamente importante. E dizia para ele, Sérgio,





possivelmente o Rio de Janeiro, desde que Dom João VI colocou os pés naquela terra, a gente tem condições de construir a maior aliança política de trabalho conjunto entre o governo federal e o governo estadual porque não vai ter disputa menor, porque não tem coisa pequena. Porque eu disse para ele: Sérgio, você tem uma chance na vida de dar ao Rio de Janeiro a perspectiva de que o estado é governável. E pelo que ele está fazendo, eu tenho certeza que vai dar certo e me tenha como parceiro.

Todos nós sabemos do significado da vitória do Jaques Wagner. Todos nós sabemos o quanto foi importante ele ganhar o governo da Bahia, mas todos nós sabemos, também, que, depois de 30 anos de hegemonia, ele vai ter dificuldades, ele vai ter problemas. Tem aí, outros companheiros, mas para citar apenas dois estados simbólicos. O que eu quero que vocês saibam é que nós seremos parceiros no enfrentamento das dificuldades. Eu quero dizer que, quando vocês tiverem festas, não precisam me convidar, mas quando tiverem crises, por favor, eu serei parceiro para tentar ajudar a resolver esses problemas.

Nós estamos discutindo, eu já falei com o Blairo, já falei com alguns companheiros, nós precisamos destravar o País. O País está travado, seja na área ambiental, e não é por causa do Ministério do Meio Ambiente, mas por causa da legislação que nós fizemos. E cada um de nós aqui já foi deputado e sabe o que nós fizemos. Muitas vezes, o País está travado por excesso de abuso de determinadas coisas que acontecem.

Esses dias, eu estava sentado, quando recebi um telefonema do nosso companheiro Eduardo Braga: “Presidente, acabaram de conceder uma liminar proibindo o funcionamento do gasoduto Coari-Manaus, que é um sonho de 30 anos”, começamos a fazer, tem três mil homens trabalhando”. E aí alguém entra com uma liminar... Graças a Deus derrubamos a liminar e voltamos a construir o nosso gasoduto.



Então, destravar o País significa mudar leis; destravar o País significa ter uma relação mais qualificada com o Congresso Nacional, com o Tribunal de Contas da União, significa conversar mais com o Ministério Público, com os ambientalistas deste País, fazer as mudanças que nós tivermos que fazer para que a gente possa construir alguma coisa.

Quem é do Norte do País, sabe. Uma ponte que foi começada no governo Fernando Henrique Cardoso, entre Brasil, Roraima e Suriname, essa ponte está interditada há 8 anos, gente. Agora, conseguimos destravar.

Quando eu falo destravar o País é destravar todos os penduricalhos que atrapalham a agilidade de quem é prefeito, de quem é governador e de quem é presidente da República, porque os problemas só sobem de dimensão, mas eles são os mesmos em todos os estados.

A segunda coisa que nós temos que fazer é destravar a economia brasileira. E não precisa a imprensa ficar curiosa, porque eu não vou dizer o que nós vamos destravar da economia. Mas obviamente que nós sabemos que os estados, os municípios e a União não podem continuar numa situação de não-capacidade de investimento. Então, nós vamos trabalhar, vamos encontrar mecanismos. A engenharia econômica do País está funcionando e nós vamos encontrar o mecanismo de destravar a economia deste País para que municípios, estados e União possam ter o mínimo de capacidade de investimento. Vamos anunciar algumas medidas de desoneração em setores importantes da economia brasileira, vamos fazer, com vocês, uma proposta, quem sabe aperfeiçoar aquela proposta de política tributária que está lá no Congresso Nacional.

O dado concreto é que nós temos uma oportunidade de fazer coisas que não fizemos. Quem já foi governador e quem já foi presidente sabe o que foi feito de errado e que não se pode fazer mais, sabe o que foi feito de certo e precisa aperfeiçoar e sabe o que precisa fazer. E nós vamos fazer da forma mais sensata possível, contando com a participação de vocês.



Tem muita coisa a ser feita no País, todos nós aqui temos mais experiência. Quem tem quatro anos de experiência de governança neste País sabe o quanto isso ajuda, se tiver disposição para o próximo mandato. É com essa disposição que eu quero manter essa relação com vocês. A próxima reunião, quem sabe, seja uma reunião com a presença do Oiapoque ao Chuí, de todos os governadores, porque se alguém quiser fazer oposição a mim, faça na eleição de 2010, quando eu não serei candidato. E se eu tiver que fazer oposição a algum governador, eu também deixo para fazer em 2010. Até lá, a nossa função é governar este País da melhor forma, tal como o povo espera de nós.

Por isso, de coração, eu quero agradecer aos organizadores deste almoço e dizer para vocês que o próximo não será um almoço, será uma reunião de trabalho, porque nós temos muita coisa para discutir com vocês.

Queria, se pudesse, dar um conselho aos nossos companheiros governadores novos, de primeiro mandato: montar um governo é 50% do sucesso do governo. Convidar alguém para ocupar um cargo – e o Binho tem muita experiência, porque está há 12 anos nisso – é muito fácil, agora, tirar alguém é muito difícil.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: nessa hora, não tem relação de amigo; nessa hora, é relação de chefe de Estado. A gente tem que convidar as pessoas mais qualificadas para a função que o Estado brasileiro precisa. E nós vamos perceber que na máquina pública brasileira tem pessoas da mais alta qualificação à espera de uma oportunidade. Eu quero dizer para vocês: ao invés de procurar apenas um amigo, procurem aquele que está esperando uma chance. E cada estado, por mais pobre ou por mais importante que seja, Marcelo Déda, tem gente da mais alta competência à espera de uma oportunidade. Por favor, se vocês puderem, descubram esses gênios, eles existem e, muitas vezes, são tratados de forma secundária por quem passa pelos governos neste País.



Eu aprendi uma lição: a máquina pública, quanto mais eficiente ela for, quanto mais qualificada ela for, mais fácil será para o governante governar. Se nós soubermos fazer o que é correto, gente, eu posso dizer para vocês, nós tentamos no primeiro mandato, logo no começo eu chamei os 27 governadores, fizemos a proposta de política tributária, da Previdência. Logo depois vieram as eleições municipais e, aí, a coisa começou a desandar. Desta vez, eu quero dizer para vocês: se vocês quiserem correr de mim, podem preparar as canelas, porque eu estou fisicamente melhor do que estava no começo de 2002, e vou correr atrás de vocês.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração dos 50 anos de inauguração da primeira fábrica da Mercedes-Benz no Brasil**

**São Bernardo do Campo-SP, 24 de novembro de 2006**

Eu prometo a vocês ser bastante breve.

Eu quero, primeiro, cumprimentar o nosso querido companheiro, conhecido e amigo de vocês, ministro do Trabalho, o nosso companheiro Luiz Marinho,

Quero cumprimentar o nosso homem de comércio exterior, que tem viajado o mundo para vender os produtos brasileiros, o nosso ministro Luiz Fernando Furlan,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Quero cumprimentar o doutor Dieter Zetsche, presidente mundial do grupo DaimlerChrysler,

Quero cumprimentar o doutor Gero Herrmann, presidente da DaimlerChrysler do Brasil, por meio de quem saúdo os demais dirigentes da empresa aqui,

Quero cumprimentar cada um de vocês, companheiros e companheiras da Mercedes-Benz. A Mercedes pode mudar o nome para DaimlerChrysler, mas enquanto tiver aquela estrela nós vamos chamá-la de Mercedes-Benz, porque já virou o nome popular aqui no Brasil, embora o carro ainda não tenha tido acesso a nós porque nem sempre é tão popular o preço da estrela.

Quero cumprimentar a imprensa aqui presente, e dizer para vocês que para mim é muito significativo participar desta festa onde se comemora 50 anos dessa fábrica da Mercedes-Benz no Brasil,

E quero fazer uma homenagem a dois ex-presidentes da República, que



tiveram muita responsabilidade para que isso acontecesse. Possivelmente, foi o sonho realizado dos dois maiores estadistas que o Brasil já teve: o primeiro, Getúlio Vargas, que introduziu no Brasil a indústria do aço e a Petrobras, e o segundo, Juscelino Kubitschek, que em junho de 1956 criou o GEA, que era um grupo de trabalho para pensar a introdução da indústria automobilística no nosso País.

De lá para cá, nós temos que homenagear mais duas coisas. Primeiro, homenagear os dirigentes alemães que, naquela época, resolveram acreditar no Brasil. E homenagear o trabalhador brasileiro que, nesses 50 anos, eu não tenho dúvida de que os trabalhadores da Mercedes-Benz do Brasil, da DaimlerChrysler do Brasil, significam motivo de orgulho para a direção mundial da Mercedes e para a direção brasileira. Eu não tenho dúvida nenhuma de que a criatividade, a inteligência, o jeito de ser do brasileiro, resultado dessa mistura extraordinária de europeus, índios e negros, permitiu que criássemos esse povo fantasticamente alegre, até em momentos de desgaste. O povo brasileiro é mais alegre do que qualquer povo, possivelmente pelo clima que nós temos.

Mas eu, que venho à porta desta fábrica desde a década de 70, eu que já vivi momentos de glória na porta desta fábrica, já vivi momentos de tristeza na porta desta fábrica, já vi filas de trabalhadores sendo contratados, já vi filas de trabalhadores sendo demitidos, eu quero dizer para vocês que é motivo de orgulho voltar aqui, como presidente da República, para agradecer, mais uma vez, a confiança que o trabalhador brasileiro me deu, ao me permitir ter um segundo mandato para presidente da República.

Certamente eu sei que para o trabalhador brasileiro e para a trabalhadora, a coisa mais dignificante na vida de todos nós é o direito ao trabalho. Não tem nada mais gratificante do que um trabalhador ter um emprego, levantar todo dia e, no final do mês, conseguir levar para a sua família o que comer, o que vestir, e garantir o direito dela morar.



Possivelmente, nós introduzimos na campanha uma frase, que é uma frase que todos vocês sabem que pertence à alma do povo brasileiro, que dizia: “deixa o homem trabalhar”. Isso, na verdade, “deixa o homem trabalhar”, vale para cada um de vocês, vale para cada homem, vale para cada mulher. Porque nós, agora, acabamos de introduzir o Procaminhoneiro, que é uma política de incentivo para que o proprietário de caminhão autônomo possa comprar um caminhão novo, vendendo o seu caminhão velho, uma política de crédito do BNDES, uma política de incentivo. Porque nós achamos que a renovação da frota de caminhões e de ônibus e também a renovação da frota de carros vai permitir que a indústria automobilística tenha um dinamismo ainda maior no Brasil e possa, não apenas garantir o emprego de vocês que estão trabalhando hoje, mas permitir a criação de dezenas ou centenas de milhares de novas vagas para que o trabalhador brasileiro tenha o direito de trabalhar.

No primeiro mandato, nós conseguimos fazer a mais forte política social já feita no nosso País, a maior política de transferência de renda que o País já conheceu. Conseguimos solidificar a credibilidade externa e a credibilidade interna do Brasil. Conseguimos, na macroeconomia, dar a sustentabilidade e a confiança que o povo brasileiro precisava para que a gente pudesse dar o passo seguinte. Agora eu tenho um segundo mandato, que começa no primeiro dia do próximo ano. E, durante toda a campanha, eu dizia para vocês que era preciso que a gente cunhasse outras esperanças e outras expectativas na cabeça do povo brasileiro: desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade. É com essas três teses que nós vamos começar o governo no dia 1º de janeiro. E, por isso, estamos trabalhando desde já. Faz exatamente 15 dias que eu faço reuniões sistemáticas, quase todo santo dia, com todos os Ministérios, para ver se a gente consegue destravar o País, para ver se a gente consegue desobstruir as amarras legais, muitas vezes legais, as amarras da economia, as amarras do meio ambiente, as amarras de tantas outras instituições que parece que foram criadas para evitar que o Brasil dê um salto



de qualidade que ele precisa dar.

Desde 1980 que este País extraordinário cresce a índices muito pequenos, quando muito chegou a 5%, como em 2004, mas já caiu, em 2005, para 3%. Nós achamos que tem uma trava, que tem uma série de penduricalhos impedindo que o Brasil possa dar um salto de qualidade. E nós estamos fazendo reuniões com todos os Ministérios, com todas as instituições que possam dar a sua contribuição, para que a gente possa enviar ao Congresso Nacional uma mudança na legislação que possa destravar o País, para que a gente possa investir mais do que investimos hoje, os estados possam investir mais do que investem hoje, as empresas possam vender mais do que vendem hoje, e os trabalhadores brasileiros possam ganhar mais do que ganham hoje, porque é isso que permite claramente que a gente tenha um crescimento no País.

Quero dizer à direção da DaimlerCrysler, nossa querida Mercedes-Benz, quero dizer a todos os diretores, aos companheiros do governo, aos companheiros representantes do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, às comissões de fábricas, eu quero dizer para vocês que, no que depender da disposição do governo federal de criar possibilidades tanto de políticas de desoneração fiscal quanto de política para facilitar a venda dos produtos aqui produzidos, nós vamos fazer, porque nós sabemos que quanto mais a empresa vender, de mais trabalhador ela vai precisar, e quanto mais trabalhador ela precisar, mais famílias vão viver com mais respeito e com mais dignidade.

Por isso, eu quero dizer para vocês que este dia de hoje – e eu comentava com o Marinho, ali – é um dia que, na minha cabeça, remonta aos anos 70, das memoráveis assembléias que fizemos aqui, na porta desta fábrica. Vocês sabem que não foram poucas, os mais novos não se lembram, mas os mais velhos sabem que nós tivemos momentos de angústia, momentos de alegria, momentos de tristeza, momentos de enfrentamento, que é normal nas divergências entre os pontos de vista do capital e trabalho.





Depois que nós conseguimos construir, aqui, nesta fábrica, a Comissão de Fábrica, a gente percebeu que a relação foi se aprimorando e, hoje ainda, além das brigas que nós temos que ter, porque é normal no mundo democrático, eu não tenho dúvida de que a gente vive dias muito melhores do que a gente viveu na década de 60 ou na década de 70.

Portanto, estar aqui, hoje, é voltar há 30 anos, há 20 anos e dizer para vocês: valeu a pena um dia eu ter sido metalúrgico. Valeu muito mais a pena um dia eu ter sido o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, porque esse Sindicato conseguiu fazer um presidente da República, conseguiu fazer um ministro do Trabalho, conseguiu fazer um presidente do Sesi, conseguiu fazer um presidente do Sebrae, e conseguiu fazer um deputado federal, que está aqui no meio de vocês, o companheiro Vicentinho, que foi presidente, também, deste Sindicato aqui.

No mais, eu espero que a direção mundial da nossa querida Mercedes continue a acreditar no Brasil, a confiar no governo brasileiro, a confiar nos trabalhadores brasileiros, a confiar no mercado brasileiro, na qualidade de produção desses trabalhadores, e invista aqui, porque investir no Brasil, eu tenho certeza, é retorno garantido de lucro para vocês, o mesmo eu não tenho certeza, de investimento em outros países. Portanto, façam do Brasil a preferência mundial da nossa querida Mercedes-Benz.

Um abraço, boa sorte a todos vocês!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à primeira fase das obras do Hospital Municipal Pimentas-Bonsucesso**

**Guarulhos-SP, 24 de novembro de 2006**

Primeiro, eu quero, mais uma vez, cumprimentar o povo da cidade de Guarulhos,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Agenor Álvares, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o senador Eduardo Suplicy,

Quero cumprimentar o prefeito Elói Pietá e a deputada federal Janete Pietá,

Quero cumprimentar a professora Eneide Moreira de Lima, vice-prefeita de Guarulhos,

Quero cumprimentar o vereador Gilberto Penido, presidente da Câmara Municipal, em nome de quem eu cumprimento todos os vereadores de todas as cidades aqui presentes,

Quero cumprimentar a prefeita Maria Ruth, de Itapevi; João Paulo, de Campos do Jordão; Marcelo Candido, de Suzano; Armando, de Itaquaquecetuba; Benedito Silva, de Salesópolis; Paulinho Bururu, de Jandira; Marco Caboclo, de Guarani D'Oeste; Jorge Abissamra, de Ferraz de Vasconcelos; Fuad Gabriel Chucre, de Carapicuíba; Antonio Aiacyda, de Mairiporã; Genésio Severino da Silva, de Arujá,

Quero cumprimentar os deputados estaduais Sebastião Almeida, José Zico Prado e José Cândido,

Quero cumprimentar os secretários municipais,

O dr. Macime Salomão, superintendente-geral do Hospital Municipal Pimentas-Bonsucesso,



O professor Ulysses Fagundes Neto, reitor da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras, representando os movimentos que estão aqui,

Os empresários,

Os sindicalistas,

E, sobretudo, o pessoal da área de Saúde que está prestigiando a inauguração do Hospital,

Bem, primeiro, quero dizer para vocês que o Hospital foi projetado para ser feito em três fases, o que nós fizemos hoje foi concluir a primeira fase do Hospital. O Hospital está praticamente todo pronto. Quando ele estiver funcionando na sua capacidade total, ele vai ter 180 leitos, por enquanto estão funcionando 47 leitos. Faltam 7 milhões e meio de reais para completar a totalidade da segunda e da terceira fase. E eu já disse ao companheiro prefeito Elói que, se ele colocar a parte dele, o governo federal coloca a sua parte para a gente acabar, no ano que vem, este Hospital na sua totalidade. Quando este Hospital estiver funcionando na sua totalidade ele vai ter, aproximadamente, 300 médicos nas mais diferentes especialidades e vai ter, aproximadamente, 800 funcionários.

Significa que vai ser um hospital de ponta para a cidade de Guarulhos, atendendo o Bairro dos Pimentas, que não é um bairro de classe média, nem classe média alta, é um bairro de trabalhadores, é um bairro de gente mais pobre e é um bairro em que eu tive a oportunidade de assumir o compromisso com vocês de fazer este Hospital, ainda quando o companheiro Elói Pietá era prefeito pela primeira vez. Como eu não fui presidente na primeira vez em que ele foi prefeito, eu só pude ser depois de dois anos de mandato dele, nós estamos atendendo àquilo que não era promessa de campanha, era obrigação do governo federal ajudar os municípios brasileiros a serem tratados com o



máximo respeito possível. Viemos cumprir.

E muito mais prazerosamente, eu estou feliz de estar em Guarulhos, porque esta universidade federal vai ter curso de teatro, não vai? Vai ter curso de música, e aqui está se fazendo um teatro no meio da universidade. Significa que o estudante vai para a sala de aula, aprende a teoria, sai da sala de aula e vem para o teatro, e já dá o espetáculo para o povo de Guarulhos poder ter uma atividade cultural intensa, porque a atividade cultural ajuda na formação política das pessoas e na compreensão do mundo que nós queremos construir.

A terceira coisa que eu queria dizer para vocês é que eu tenho que agradecer a generosidade que o povo de Guarulhos tem comigo desde o final dos anos 78, 79, quando a Jane era candidata à oposição do Sindicato dos Metalúrgicos, e eu vinha de São Bernardo até aqui fazer campanha na porta de fábrica para ajudar a Jane a ser dirigente sindical. Ela não conseguiu ser presidente do sindicato, mas é a deputada federal mais votada da cidade de Guarulhos. Quero agradecer, sobretudo, à votação que o povo de Guarulhos me deu.

E queria dizer para vocês que o segundo mandato é um mandato muito mais difícil e muito mais importante do que o primeiro. Nós agora não vamos mais ficar nos comparando com os que governaram o Brasil antes de nós. Nós agora vamos nos comparar com o nosso programa, com o compromisso que nós assumimos durante a campanha e vamos ter que nos comparar com o primeiro mandato. E o milagre de um segundo mandato é combinar, de forma muito mais forte, uma política de desenvolvimento econômico com uma política de desenvolvimento social, combinada a uma política educacional de qualidade para que a gente possa, com desenvolvimento, gerar renda, gerar riqueza e gerar a distribuição dessa renda.

Que a gente possa, com uma forte política social, ajudar as camadas mais pobres da população brasileira e, ao mesmo tempo, com uma política de distribuição de renda e geração de empregos, a gente possa melhorar a vida



de milhões e milhões de brasileiros que querem trabalhar, que precisam trabalhar, porque trabalhar é a forma mais dignificante de um cidadão conquistar a sua cidadania, cuidar da sua família e ajudar a cuidar do seu País.

Meus companheiros prefeitos, eu vou pedir uma coisa para vocês. Vocês, quando ganharam as eleições, imaginavam que era fácil governar a cidade. Parece fácil quando a gente é oposição, quando a gente é oposição está na ponta da língua, mas quando a gente é governo, a gente tem que fazer as coisas e, ao tentar fazer as coisas, a gente se depara com uma série de obstáculos que são naturais de um regime democrático. Ou seja, você se depara com as leis, você se depara com as questões ambientais, você se depara com a burocracia, você se depara com a oposição, você se depara com o Congresso, você se depara com o Ministério Público, com o Tribunal de Contas da União, e com a burocracia que é pertinente à máquina pública do Brasil.

Pois bem, no primeiro mandato nós fizemos uma parte, demos solidez à economia brasileira, garantimos a estabilidade macroeconômica, garantimos a credibilidade interna e internacional. Nesse segundo mandato, eu estou há dez dias fazendo reuniões setoriais para destravar o Brasil, para desobstruir os canais que estão impedindo esse País de ter os investimentos que ele precisa para crescer, os impedimentos de atração de capital externo para investir no setor produtivo, os impedimentos nas mais diferentes instituições brasileiras.

Estamos fazendo isso há dez dias e eu quero anunciar esse processo de desobstrução do Estado brasileiro, ainda nesse primeiro mandato, porque eu quero começar o segundo mandato agindo de forma mais ousada e mais forte para que a economia brasileira tenha o desenvolvimento que todo mundo sonha, para que a gente gere os empregos que todo mundo deseja e para que a gente possa ter uma política de distribuição de renda para melhorar a vida das pessoas neste País.

Quero dizer para vocês que o segundo mandato é mais difícil e será



mais gostoso, porque aí eu não vou ter que ficar toda hora dizendo que eu fiz mais do que os outros, eu vou ter que provar que eu faço mais do que eu fiz, eu vou ter que provar que nós poderemos fazer do Brasil uma grande economia, que a gente pode ter orgulho de ser brasileiro, não existe lugar do mundo em que a gente goste de desprezar o nosso País, como aqui no Brasil. Nós somos incapazes de ver uma virtude do País, mas somos capazes de ver todos os defeitos que tem no Brasil, e este País é um País grande. Este País é o maior exportador de açúcar, é o maior exportador de café, é o maior exportador de carne, é um dos maiores exportadores de minério, é um dos maiores exportadores de grãos do mundo. Agora este País é um dos maiores exportadores de celulares, este País tem a rede bancária mais moderna do mundo, este País exporta avião, este país exporta tecnologia, este País exporta conhecimento. Agora, isso não é valorizado porque as pessoas preferem ver os defeitos, parece que é uma coisa de auto-estima, que nós não aprendemos a conquistar, porque também, muitas vezes, a gente não recebe as informações corretas.

Nesse segundo mandato nós vamos trabalhar essa questão com mais carinho, porque o Brasil já fez todos os sacrifícios que tinha que fazer. O Brasil já fez todos os sacrifícios, o povo brasileiro já pagou todos os pecados que cometeu, porque eu me lembro do golpe militar em 64, quando o presidente Castelo Branco convocou o povo brasileiro para dar o ouro para o bem do Brasil. Eu me lembro de milhões de pessoas que deram as alianças que tinham, gente que dava dente de ouro, acreditando que as coisas eram para valer.

Pois bem, eu acho que agora o povo brasileiro precisa começar a colher um pouco de benefício do Estado brasileiro. É por isso que a política social será mais forte, é por isso que o crescimento econômico será maior e é por isso que as parcerias com as prefeituras e os governos dos estados serão muito mais eficazes do que foram no primeiro mandato.



Dito isso, meu caro prefeito Elói e meus queridos companheiros e companheiras de Guarulhos, eu agora vou num compromisso na Mercedes-Benz, na comemoração dos seus 50 anos. Quero dizer para vocês que voltarei aqui no ano que vem, ou quem sabe no final do ano, para inaugurar a última parte do Hospital dos Pimentas, para ver todo mundo ser tratado aqui neste hospital. Mas a minha alegria maior vai ser quando o Elói me convidar para vir inaugurar um teatro aqui. E eu espero que ele promova um grande espetáculo com o povo de Guarulhos, não precisa trazer artistas famosos não, transforme o povo de Guarulhos nos artistas que eles são e vamos fazer um espetáculo de inauguração.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês e até a próxima vinda a esta cidade.

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL231106-1.DOC>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia por ocasião das comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra**

**Palácio do Planalto, 28 de novembro de 2006**

Bem, eu quero, primeiro, cumprimentar todos vocês que vieram para este ato de consagração de uma política que eu espero que nos próximos anos faça, definitivamente, justiça àqueles que há tantos e tantos anos brigam por sua terra.

Mas eu queria começar cumprimentando a nossa companheira Matilde. Eu sei das brigas que eu tenho com ela, mas eu também sei do esforço dela, sei dos empecilhos jurídicos que tem que enfrentar, sei das amarras da burocracia que, muitas vezes, impede que a vontade do Presidente seja definida em poucos dias. Essa ponte de Ivaporunduva, por exemplo, já estou há quatro anos pedindo essa ponte, tem vários problemas, mas eu disse para a Matilde: bom, eu só quero que você garanta que eu vá, antes de terminar o primeiro mandato, dar início a alguma coisa lá para que a gente possa cumprir. Na verdade, eu não assumi compromisso com Ivaporunduva, porque quando eu fui lá, em 93, não era candidato a nada.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Guilherme Cassel, o ministro do Desenvolvimento Agrário que, junto com o Rolf, tem trabalhado para que a gente possa agilizar os nossos processos,

Quero agradecer ao Pedro Brito, nosso ministro da Integração,

Ao nosso querido Ubiratan, presidente da Fundação Cultural Palmares,

A nossa querida Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Aqui o nosso querido companheiro Luiz Alberto, deputado federal, e a futura deputado federal já eleita, companheira Jane Pietá, deputada federal por





Guarulhos,

Quero cumprimentar os representantes dos estados beneficiados, José Lemos, Secretário da Agricultura do estado do Maranhão e Francisco Guedes Filho, diretor-geral do Interpi,

Quero cumprimentar o companheiro Rolf,

Quero cumprimentar o Luiz Carlos Everton de Farias, presidente da Codevasf,

A Alexandra, nossa secretária de Patrimônio da União,

A nossa querida Benedita da Silva,

A nossa querida Leci Brandão,

O nosso querido Netinho,

O nosso querido Antonio Carlos dos Santos, mais conhecido por vovô, presidente fundador do bloco Ilê Aiyê,

Quero cumprimentar a nossa querida Lia de Itamaracá,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que foram beneficiados com os títulos de terra,

Vocês estão vendo aqui a grossura do meu discurso. Não vou fazê-lo para não perder muito tempo, porque eu tenho um compromisso e eu já estou atrasado.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: olhem, se tem uma coisa que dá prazer a um ser humano governar uma cidade, um estado ou um país, são esses atos em que as coisas se transformam da boa vontade a uma ação concreta.

Eu penso que vocês que nos ajudaram nesses quatro anos e nos ajudaram cobrando, sem perder a autonomia do movimento e sem aceitar qualquer política de subserviência ao Estado, mas com a soberania de homens e mulheres de consciência livre souberam reivindicar do governo o cumprimento dos seus compromissos, eu quero dizer que vocês precisam



continuar nos ajudando porque vocês perceberam, pelos números ditos aqui pelo nosso ministro Guilherme e pela Matilde, que houve um processo enorme de dificuldades e depois as coisas começaram a evoluir, ano após ano. E nós chegamos agora num momento muito melhor, em que muitas coisas que estavam obstruindo, já não estão mais obstruindo.

Os nossos advogados já aprenderem, certamente o Poder Judiciário também já aprendeu mais com esses processos todos, e vocês aprenderam uma coisa melhor, que é continuar reivindicando porque, por mais que eu seja amigo de vocês, se vocês não estiverem me cutucando, a gente tende a se envolver por outros problemas que a gente pensa que são maiores e esquece os problemas de verdade.

Como eu tenho consciência de que quando eu deixar o governo, entre os amigos que eu vou ter na vida, vão ser vocês, e que nem vocês têm como correr de mim e nem eu tenho como correr de vocês, então é melhor que a gente se entenda bem e trabalhe bem, enquanto eu estou aqui no governo.

Queria lembrar aos nossos companheiros do governo e aos companheiros que são militantes do movimento que o reconhecimento do título é apenas o primeiro passo. Atrás do título tem que ir a formação profissional das pessoas, têm que ir as manifestações culturais, tem que ir a saúde, tem que ir a educação, tem que ir a energia elétrica, tem que ir habitação, tem que ir infra-estrutura e, sobretudo, têm que ir as condições de vocês poderem construir a cidadania de vocês à custa do trabalho que, no fundo, no fundo, é o que dignifica cada um de nós.

O governo tem muitas políticas públicas que precisam ir atrás do título, agora. Agora não tem desculpa de dizer: não sabia que existia. Agora está aí, existe e está legalizado. Eu quero que vocês saibam, não é a primeira vez que eu cobro e vou continuar cobrando, de público, a minha cobrança é para que cada um dos ministros, e são quase todos os Ministérios, os ministros do governo, estejam comprometidos com as políticas públicas ligadas aos



quilombos, que agora peguem a trilha e comecem a visitar, fazer levantamento dos problemas que ainda não foram levantados, para que a gente possa agilizar o encaminhamento para solucionar esses problemas.

Eu quero dizer para vocês que a minha viagem à Ilha Gorée foi um marco na minha vida porque, lendo, a gente não tem dimensão. Mas, ao entrar naquela porta de saída, que era chamada de a “porta do nunca mais”, a gente tem a dimensão do porquê o continente africano não conseguiu a evolução que conseguiram outros continentes, do ponto de vista científico e tecnológico. Foi porque durante 300 anos, os jovens e as pessoas mais saudáveis eram tiradas para trabalhar como escravos.

Trezentos anos são mais que um genocídio de muitas e muitas guerras que aconteceram na Humanidade. Então, é preciso não apenas um gesto, é preciso muitos gestos e muita política pública para que a gente não leve 300 anos para reparar o mal que foi feito aos negros neste mundo. Eu acho que nós estamos apenas começando, estamos apenas começando um trabalho com a maior seriedade.

Eu quero que vocês saibam que se depender do presidente da República, nós iremos fazer muito mais. Isso não é uma questão de programa de governo, é uma questão de consciência política, é uma questão de reconhecimento do papel que têm os afrodescendentes no nosso País, é saber a importância que vocês têm para a nossa cultura, é saber que nós não seríamos o que somos hoje se não fossem vocês. Então, é preciso que a gente pare com essa bobagem de ter medo de enfrentar o racismo, temos que enfrentá-lo com unhas e dentes porque racismo e preconceito, na minha opinião, são duas doenças que não são apenas recicláveis, elas têm que ser abolidas. Aí, somente com enfrentamento e somente com o Estado tendo coragem de enfrentar a diversidade, não tendo nenhuma preocupação de dizer que vai garantir que mais meninas e meninos negros têm que entrar na universidade, de que é preciso as pessoas terem a oportunidade de ter a



mesma qualidade de salário que tem um branco que trabalha na mesma função, e oportunidade de garantir que as crianças possam, na escola, ter o mesmo nível de ensino que outras crianças.

Essas coisas, não se faz com discurso nem com passe de mágica, mas com medidas. Podem ficar certos de que, no que depender do meu governo, nós faremos o que está ao meu alcance e mesmo aquilo que não estiver ao meu alcance, eu peço a mão de vocês emprestada e vou alcançar, para a gente poder fazer tudo que tem que ser feito neste País.

Muito obrigado, parabéns e que Deus abençoe todos vocês.

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL271106.doc>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse da diretoria e do conselho fiscal da CNI 2006-2010**

**Confederação Nacional da Indústria - Brasília-DF, 28 de novembro de 2006**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu querido companheiro Renan Calheiros, presidente do Senado  
Federal,

Meu querido companheiro Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos  
Deputados,

Deputado federal, nosso querido companheiro, Armando Monteiro Neto,  
presidente reeleito da CNI,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do  
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Demais companheiros e companheiras ministros aqui presentes,  
Nossa querida governadora Maria de Lourdes Abadia, governadora de  
Brasília,

Senhores governadores Alcides Filho, de Goiás; Eduardo Braga, do  
Amazonas; Marcelo Miranda, de Tocantins, e Paulo Hartung, do Espírito Santo,

Nossa governadora Yeda Crusius, governadora eleita do Rio Grande do  
Sul,

Nossos governadores eleitos Cid Gomes, que está perto do Gerdau, já  
vão discutindo, aí, a Siderúrgica do Ceará. Cid Gomes, do Ceará; Eduardo  
Campos, de Pernambuco, e Jackson Lago, do Maranhão,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao governo  
brasileiro,

Deputados federais,

Ministros,

Prefeitos das capitais e das cidades do interior,



Meu caro presidente do Sebrae,  
Presidente do Sesi,  
Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,  
Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,  
Não sei se o Rossano está aqui, do Banco do Brasil,  
Ministro dos Tribunais Superiores e do Tribunal de Contas da União,  
Meus amigos e minhas amigas dirigentes das federações estaduais e da  
Confederação Nacional da Indústria,

O Armando pai deve estar percebendo que o Armando filho fez um discurso com a cara mais leve, e só tem uma razão de ser: é pela penca de votos que ele conquistou nessas eleições, em Pernambuco. Uma eleição bem-sucedida deixa todo mundo mais feliz.

Meus amigos e minhas amigas,

Armando, eu queria começar dizendo a você que quando terminar este ato eu vou ter que sair muito rápido, porque eu embarco as 10 horas para a Nigéria e ainda tenho que ir em casa buscar a mala, porque as mulheres conquistaram a independência e não arrumam mais a mala da gente, a gente é que tem que arrumar a nossa própria mala.

Eu creio que o Brasil dispõe hoje de um poderoso consenso para acelerar a sua história. Estou falando da consciência nacional em torno da idéia de que o crescimento é a ferramenta que falta para superar os desafios pendentes da nossa sociedade.

Não se trata mais, simplesmente, de preparar a sociedade para o crescimento. O que se coloca agora é permitir que o crescimento prepare a sociedade para o futuro ao qual temos direito e pelo qual tanto lutamos nesses últimos anos.

Estamos dedicando toda a nossa energia para destravar os gargalos institucionais e econômicos que ainda retardam o passo seguinte da nossa



história. São 26 anos em que a economia brasileira sonha com um crescimento maior.

Avanços dessa magnitude não se dão por acaso. Crescimento e prosperidade não são obras de forças mecânicas, nem tampouco respondem a qualquer automatismo de mercado. São, isso sim, obras de um verdadeiro esforço nacional, da união de forças dos mais diversos setores da sociedade com o objetivo de construir um Brasil mais justo e muito mais preparado para o futuro.

A industrialização brasileira, por exemplo, poderia não ter acontecido. Sua existência deve-se, em primeiro lugar, à visão histórica de lideranças políticas, sociais, empresariais e intelectuais que souberam juntar forças e lutaram para que isso acontecesse.

Ao seu tempo e ao longo de sucessivas gerações, essas lideranças souberam estabelecer as bases de entendimento político para que a democracia e a produção pudessem prosperar entre nós. E por esse motivo que me sinto especialmente orgulhoso em participar deste evento com todos os aqui presentes e, sobretudo, com a nova direção da Confederação Nacional da Indústria.

Em seus quase 70 anos de história, a entidade desempenhou um papel fundamental na defesa e no desenvolvimento de um parque industrial brasileiro sólido e produtivo. Essa atuação, que teve início ainda no início de nossa industrialização, durante o governo Vargas, continua sendo muito importante até os dias de hoje.

Quero, portanto, aqui, Armando, registrar aquilo que eu disse no filme, que você só pôde passar porque as eleições acabaram, o meu reconhecimento ao papel democrático que a CNI tem exercido nesse último período.

Eu não sei quantas vezes a CNI promoveu a quantidade de debates que vocês promoveram aqui dentro. E também não sei quantas vezes a CNI e outras entidades empresariais tiveram tanto acesso na sua relação com o



poder central para discutir as saídas que tanto o povo brasileiro almeja.

Eu não poderia deixar de fazer esse reconhecimento, porque certamente não fizemos todas as conversas que precisamos fazer, mas, certamente, fizemos mais do que durante décadas os empresários conseguiram fazer. Até porque, a bem da verdade, houve um tempo neste País em que dificilmente, numa reunião de empresários, dos empresários com o governo, poderia se abordar uma deficiência do governo. Ao passo que, no nosso governo, eu já fiz muitas críticas a companheiros empresários de que, muitas vezes, a falta da crítica permite que a gente continue cego e não enxergue o caminho que nós temos que percorrer. Meus parabéns à nova diretoria e eu espero que vocês tenham um grande sucesso.

O diálogo franco e democrático que mantivemos nesses quase quatro anos de governo foi fundamental para que construíssemos, juntos com os demais setores da sociedade, as bases de um projeto de desenvolvimento que já está tornando o Brasil um país mais justo.

A todos os integrantes da nova diretoria da CNI – representados pelo presidente Armando Monteiro Neto, que está sendo reconduzido ao cargo – eu quero dizer: espero que tenhamos mais quatro anos de profícuo trabalho e que o resultado possa ser a melhora do crescimento econômico e, junto com o crescimento econômico, pois não basta apenas crescer, fazer uma justa distribuição de renda para que todos os 190 milhões de brasileiros participem deste chantili, que é o crescimento da economia.

Todos sabemos que até 2010 ainda teremos um enorme trabalho pela frente. E tenho a certeza de que, nesse período, nosso diálogo e nossa colaboração serão cada vez mais intensos e cada vez mais produtivos.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil pode, deve e vai dobrar a aposta histórica da sua gente no desenvolvimento e na democracia. Não se trata de uma guinada, nem de uma ruptura. Mas de impor velocidade e solidez a um processo retomado desde que





ganhamos as eleições. Um dos grandes saldos positivos deste período é que, hoje, a nossa economia não tem mais restrições externas para crescer. Essa é uma novidade que veio para ficar e ela pode mudar muito a história do Brasil.

Temos reservas cambiais superiores a 81 bilhões de dólares, cinco vezes maiores do que dispúnhamos no início do mandato. Descontadas essas reservas, a dívida externa do setor público encontra-se zerada. Zeramos também a dívida com o FMI e podemos acionar ferramentas hibernadas no ciclo de ajuste que já foi em parte concluído.

O risco Brasil declina. A inflação dos preços livres atinge alguns dos índices mais baixos das últimas décadas. E o horizonte, portanto, é de uma queda inexorável das taxas de juros.

O que estamos dizendo é que uma porção importante dos constrangimentos históricos à expansão brasileira deixou ou está deixando de existir. O terreno movediço das contas externas, o descontrole da inflação, o desperdício de um mercado de massas reprimido, bem como a paralisia da construção civil durante 20 anos, mudaram de sinal.

Hoje, essas dinâmicas trabalham a favor do crescimento. Só o crédito imobiliário acrescentará mais um ou dois pontos percentuais ao PIB nos próximos anos.

Estamos estruturando um fundo de incentivo à habitação popular que vai reduzir em até 60% o valor das prestações dos compradores da casa própria. Serão beneficiadas diretamente as faixas de renda até cinco salários mínimos. Justamente onde se concentram mais de 80% do déficit habitacional do nosso País.

O mercado de capitais está se fortalecendo. O otimismo elevou em mais de 60% o valor das emissões acionárias este ano.

Mas nós queremos mais. E sabemos que é preciso mais para atingir o ponto de mutação do desenvolvimento sustentável. Por isso, estamos criando incentivos adicionais para a desoneração fiscal do investimento produtivo, bem



como a antecipação de créditos do PIS e do Cofins.

Os gargalos de infra-estrutura e saneamento também serão equacionados com o reforço de fundos de investimento. Queremos igualmente isentá-los de Imposto de Renda e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido. A idéia é liberar o capital de giro das empresas para que elas possam se concentrar na implementação de novos projetos. Até porque, se a economia voltar a crescer como sonhamos, é preciso que os investimentos produtivos aconteçam com muita rapidez, senão a inflação volta e a gente vai ver as revistas semanais publicarem a cara do dragão durante semanas e mais semanas, e nós não queremos que isso aconteça mais no Brasil.

Estamos empenhados em armar uma engrenagem de crescimento que não traz a assinatura de um partido. Não é de autoria de um só ministro. Tampouco é fruto de medidas heróicas, que muitas vezes têm eficácia passageira ou conseqüências funestas.

O que estamos propondo ao conjunto da sociedade brasileira é mais consistente do que tudo isso. Trata-se de um artesanato democrático com todas as forças políticas e sociais da Nação. Um projeto de um governo de portas abertas, que tem a determinação incansável de buscar soluções que contemplem os apelos da cidadania, o imperativo da estabilidade e as necessidades do crescimento e da produção.

Hoje, creio, o Brasil e suas lideranças estão maduras para compreender que o desenvolvimento não é obra de receitas ou panacéias administrativas. Ele é fruto de um amplo entendimento para a transformação da sociedade, de um esforço coletivo que se traduz na definição de linhas de passagem, exaustivamente negociadas, e que vão mobilizar os recursos necessários aos projetos cobrados nesta quadra da nossa história.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil tem energia acumulada para desencadear esse novo e vigoroso ciclo de expansão. Fizemos os ajustes necessários para isso. Temos o



mandato das urnas para crescer e um alicerce firme para cumprir a delegação do voto popular.

É preciso exercer a liberdade conquistada para não perdê-la. Abre-se um tempo novo para nossa gente e a nossa economia. Temos os instrumentos para continuar investindo pesado em infra-estrutura. Podemos ajustar esses instrumentos, podemos dotá-los de maior agilidade, podemos complementá-los. Podemos ampliar a desoneração fiscal do capital produtivo como estamos fazendo. Faremos o que for preciso e o que for necessário.

Mas é, sobretudo, indispensável despertar a atenção da sociedade para o novo ciclo que se anuncia. É hora de trocar a obsessão pela liquidez do passado, pela confiança no futuro e nas possibilidades do desenvolvimento nacional. Não temos mais o direito de deixar de acreditar em nós mesmos.

Tudo o que fizemos nos últimos anos foi justamente construir alternativas para que o Brasil pudesse voltar a crescer sem inflação e com estabilidade. Crescer promovendo a inclusão social, a distribuição de renda e a geração de empregos.

Vencemos esse patamar. Não podemos agora desperdiçar o horizonte que se abre à nossa frente. Temos condições de fazer do Brasil um dos maiores mercados do mundo. A recuperação do salário mínimo e o crédito consignado revelaram amplas potencialidades adormecidas. E desenharam uma nova geografia do varejo nacional. O consumo nas faixas de renda D e E cresceu 11% em média nos últimos quatro anos.

É preciso, portanto, romper com uma cultura de crise permanente, que durante décadas mergulhou a subjetividade nacional num fatalismo paralisante, que desperdiçou energias econômicas e sacrificou a criatividade social.

Não podemos mais lutar a batalha apenas do dia anterior. A inflação foi derrotada e não permitiremos que ela ressurgja. A nova trincheira está na batalha pelo crescimento. Certamente, nós venceremos essa luta.

Minhas amigas e meus amigos,



Antes de encerrar, gostaria de dizer que o crescimento que concebemos para o Brasil nos próximos anos não visa unicamente aumentar a oferta e o acesso à riqueza. Trata-se, também, de erigir o primado de uma cidadania ativa, engajada na construção do bem-estar coletivo. Superar as antigas iniquidades é, sobretudo, um esforço ético de toda a Nação brasileira.

Estou falando de uma ética associada à luta pelo desenvolvimento e que norteie a construção de uma economia intrinsecamente receptiva aos valores democráticos e republicanos. Ricos ou pobres, somos todos filhos da nossa história e das grandes decisões nacionais. Os interesses de toda a sociedade, portanto, precisam sempre estar representados nos conflitos do desenvolvimento. No alicerce de justiça e de busca pela igualdade, devemos erguer um compromisso histórico inédito, capaz de inaugurar um verdadeiro ciclo de desenvolvimento material e humano para toda a sociedade.

Meu querido amigo Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Governadores,

Meu querido companheiro José Alencar,

Quem convive comigo mais próximo sabe que, durante muito tempo, eu disse que não haveria outra razão para alguém querer ser candidato à reeleição se não tivesse o propósito de fazer mais e melhor no segundo mandato. Porque quem já é governador e foi reeleito, ou quem é prefeito – como estou vendo dois aqui, o de Petrolina e o de Recife – e está reeleito, sabe que a exigência da sociedade brasileira é para que façamos mais e melhor, porque se você fizer igual, não presta, e se fizer pior, será crucificado pela sociedade. A história está cheia de exemplos.

Entretanto, é importante que nós tenhamos clareza de que a possibilidade que nós temos de construir este Brasil dito aqui pela boca do nosso presidente da CNI, que seria dito pela boca do ministro do Trabalho, ou que seria dito pela boca de um dirigente sindical, ou pela boca do Gerdau, ele



só será construído, Armando, se nós agirmos com a seriedade que a sociedade espera de nós. E quando eu digo seriedade, é a seriedade do governo federal, a seriedade da Câmara dos Deputados, a seriedade do Senado da República, a seriedade dos políticos em geral, a seriedade dos empresários, a seriedade dos dirigentes sindicais, a seriedade dos intelectuais, a seriedade da imprensa brasileira. É preciso que todos assumam o compromisso de cumprir com a sua parte, sem ficar quieto, exigindo que a outra parte arque com as responsabilidades pelos desacertos que acontecem no Brasil.

Eu, meu caro Armando, posso fazer uma confissão aqui, na frente de tantos governadores, de tantos empresários e de tantos ministros. Se eu fosse levar em conta todas as desgraças vendidas do Brasil o dia inteiro na imprensa, eu não sairia de casa de manhã. Porque a impressão que eu tenho é que o Brasil tem dia que vai acabar, tem dia que não vai acabar. Tem dia que eu fico imaginando: espera aí, esse é o Brasil que eu estou vivendo ou não é o Brasil que estou vivendo? Então, quando você faz uma reunião com economistas, como eu fiz a vida inteira, depois de uma análise econômica, meu caro Fernando, eu falava: espera aí, se o Brasil vai acabar, como eles estão dizendo, por que vou ser presidente da República?

Eu estou dizendo isso, Armando, porque nós acabamos de sair de um episódio, em que uma parte dos políticos brasileiros aprovou o décimo terceiro salário para o Bolsa-Família. Eu estou falando, Armando, de pessoas que fazem discursos dizendo que querem ser sérios e aprovam 17% de aumento para os trabalhadores aposentados que ganham mais do que o salário mínimo, como se aquilo fosse apenas uma peça de campanha, sem a consequência do dia seguinte da irresponsabilidade. Não é possível este País dar certo se os políticos forem volúveis, não é possível este País dar certo se todos nós não assumimos a responsabilidade.



Eu poderia citar exemplos de governadores aqui que já tiveram dificuldades. Cada um de vocês vai tomar posse agora, em 1º de janeiro, e vocês vão perceber a dificuldade entre os discursos que foram feitos durante a campanha e a prática de governar os seus estados. Eu poderia citar o Rio Grande do Sul ou poderia citar Pernambuco, as dificuldades de cada estado, que estão proibidos de ter qualquer capacidade de investimento. Poderíamos pegar as prefeituras desses estados, porque nós falamos muito de infraestrutura, muito de investimento, mas tem um senão, que é (inaudível) no pescoço de gato, que é de onde a gente vai tirar esse dinheiro.

E um estado rico, como o Rio Grande do Sul, que já foi exemplo de riqueza neste País, hoje é obrigado a conviver com a folha de inativos maior do que a folha de ativos. Yeda, prepare-se, minha cara governadora, porque vai ter muito trabalho. E não estou dizendo isso agora para você, porque está aqui, não. O Gerdau é testemunha que, com outros empresários do Rio Grande do Sul, nós estamos tentando discutir para não permitir que o Rio Grande do Sul sofra um retrocesso na sua economia, porque seria um prejuízo inestimável para este País. Um estado que conseguiu ser o que o Rio Grande do Sul foi, do ponto de vista da sua economia na década de 60, na década de 70, na década de 80. Um retrocesso é tirar de Pernambuco ou tirar do Maranhão a esperança de que esses estados podem crescer também.

Eu queria, Armando, dizer para você que o nosso compromisso é irreversível e inadiável. Nós vamos fazer a economia deste País crescer. Mas preste atenção a uma coisa, porque eu não sei quanto tempo eu vou ter de oportunidade para falar com vocês ainda este ano. Faz 20 dias que eu não faço outra coisa a não ser discutir com todas as áreas de governo, e algumas áreas do governo já discutiram com setores empresariais, como destravar este País. Este País está travado por um setor e por uma gama imensa, que eu não vou aqui ficar nominando as coisas que travam este País. De vez em quando a gente facilita e encontra apenas um de “bode expiatório” e fica dizendo: é



aquele. Não, tem muitos. Tem muitas coisas que entravam este País, que vai desde a morosidade do Poder Executivo, a morosidade do Congresso Nacional, até a falta de projetos definitivos para o crescimento da economia.

Os estados e as prefeituras estão totalmente falidos. Então, um País que não tem cidades com disposição de investir, estado com disposição de investir, a União não pode investir. Um País que tem que cumprir o superávit que nós temos que cumprir, e ainda tem a Lei de Responsabilidade Fiscal que nós temos que cumprir, vocês percebem que precisa mais do que um economista, precisa de um bando de mágicos para que a gente tente encontrar uma saída para fazer este País voltar a crescer. E, sem mágica, nós vamos fazê-lo voltar a crescer.

Estou dizendo isso hoje aqui, Armando, na sua posse, para dizer que é uma determinação do nosso governo, porque na campanha eu disse que o nome do mandato seria desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade. E essas três coisas vão acontecer neste País, sem voltar a inflação e sem bulir, como diria um bom nordestino, na Lei de Responsabilidade Fiscal.

Nós só não queremos vender ilusões, porque o discurso fácil às vezes se torna difícil na prática. Eu vejo que agora a moda é jogar a culpa na Previdência Social, todo e qualquer problema se resolve com a Previdência Social.

Eu queria dizer uma coisa para vocês: a Previdência Social, se levasse em conta apenas o que os trabalhadores pagam e o que os empresários pagam, se levasse em conta apenas o que os trabalhadores que pagam recebem, o déficit dela não seria motivo de discurso de nenhum de nós. O problema é que nós, políticos brasileiros – e aqui tem muitos deles, aqui e aí – nós fomos constituintes em 88. Nós introduzimos, ao longo desses últimos anos, a aposentadoria ao trabalhador rural que é, talvez, uma das coisas que mais significa a distribuição de renda neste País. Depois, nós aprovamos a Loas, depois nós aprovamos o Estatuto do Idoso, e tudo isso é jogado na conta



do déficit da Previdência Social, quando a conta é do Tesouro Nacional. Então, não é política de Previdência, é política de seguridade, e nós não podemos jogar nas costas de quem contribui.

O desafio é muito maior do que a gente imagina. E eu estou determinado, meu caro Gerdau, estou determinado, meu caro Marinho, estou determinado, meu caro Armando – e o José Alencar voltou com muito mais saúde ainda, depois da cirurgia que ele fez – estou determinado a fazer com que este País saia desses 25 anos de crescimento medíocre. Eu ainda tive sorte, porque sou daqueles que, ao completar 60 anos de idade, vivi uma época de alto crescimento neste País, que foi na década de 70, contraditório com a falta de liberdade política que nós vivíamos.

Então, fazer este País crescer, as bases estão colocadas para isso. Não existe hoje nenhum entrave, do ponto de vista da macroeconomia, para que o País não dê o seu salto de qualidade. Entretanto, Armando, com a seriedade que eu sempre te tratei, eu quero dizer para você: não haverá, da nossa parte, nenhuma vacilação em compreender que nós não podemos gastar mais do que aquilo que a gente recebe, e que responsabilidade está na lei, mas ela poderia estar no nosso comportamento pessoal, de tratar o dinheiro público como dinheiro público, efetivamente, e não para gastar com as vontades pessoais desse ou daquele político, em função de um mandato.

Não haverá leviandade e não haverá falta de espaço para quem quiser contribuir, que contribua, para que este País possa permitir à geração que nós colocamos no mundo viver num mundo muito mais democrático, muito mais desenvolvido do que o mundo que nós estamos vivendo hoje.

Este é o meu compromisso. E não me venham os governadores dizerem que tem que mudar a Lei de Responsabilidade Fiscal, que nem discutimos isso. Discuto qualquer coisa com os companheiros, qualquer coisa, mas voltar à irresponsabilidade que este País já teve, nós não voltaremos.

Então, o desafio, Armando, é este, seu, meu, dos meus ministros, dos





nossos governadores e do povo brasileiro: é crescer. Crescer e crescer razoavelmente bem, sem permitir que o vandalismo econômico volte a tomar conta do nosso País.

E eu estou comprometido com isso. Estou comprometido porque acredito piamente que estamos vivendo um momento de ouro para que a gente dê o passo seguinte. Se depender da minha turma, Armando, nós daremos este passo. Se depender do Aldo, certamente daremos o passo, se depender do Renan, também. De vez em quando, aprovam uma coisa no Congresso Nacional, e quando o projeto está pronto, aparece alguém e coloca um penduricalho lá, e depois vem para eu vetar. Não se preocupem que eu não terei medo de vetar uma única coisa que coloque em risco a seriedade da economia brasileira e a sustentabilidade que nós precisamos ter. Não se preocupem.

Mas eu acho, meu caro Renan e meu caro Aldo, que está nas nossas mãos, porque o crescimento econômico e o desenvolvimento que nós queremos também estarão na mensagem de seriedade que a gente passar para a sociedade brasileira.

Meus parabéns, Armando. Que Deus lhe abençoe nessa nova trajetória. E que agora, com esse monte de votos em Pernambuco, você possa ser muito mais leve para dirigir a Confederação Nacional das Indústrias.

Um abraço e boa sorte.

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/rel271106-1.doc>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura da Cúpula África-América do Sul (AFRAS)**

**Abuja-Nigéria, 30 de novembro de 2006**

Minhas primeiras palavras são de agradecimento ao nosso anfitrião, ao seu governo e ao povo da Nigéria, pela calorosa acolhida.

Quando estive aqui, em 2005, o presidente Obasanjo sugeriu a idéia de uma Cúpula África-América do Sul. Com visão de estadista, percebeu o potencial de cooperação e solidariedade entre nossas duas regiões.

Pouco depois, os presidentes sul-americanos, reunidos em Brasília, apoiaram enfaticamente a realização desta Cúpula. Com igual entusiasmo, a União Africana, em Cartum, convocou o evento que hoje se torna realidade.

Saúdo todos os mandatários presentes e seus altos representantes.

A partir de hoje, a união entre a África e a América do Sul é parte integrante da agenda diplomática de cada um de nossos países.

Caros colegas,

O Brasil tem com a África laços profundos que definem nossa própria identidade. Somos a segunda maior nação negra do mundo.

Internamente, estamos tomando diversas iniciativas para valorizar a decisiva contribuição africana na construção da nação brasileira. E, acima de tudo, para superar as desigualdades raciais ainda existentes no País.

Em nossa atuação internacional, também temos um longo percurso comum com as nações africanas.

Defendemos, nas Nações Unidas, a causa da descolonização e o repúdio ao apartheid. Estivemos ao lado dos sócios africanos no processo de criação da Unctad.

Sofremos, juntos, os períodos recessivos e a desordem da economia



mundial, além dos efeitos perversos do protecionismo dos países ricos. Unimos nossas vozes por uma ordem econômica internacional mais justa e equitativa.

Hoje, a África é para o Brasil uma prioridade indiscutível. Desde o início de meu governo, visitei 17 países africanos e recebi 15 líderes da região. Tomei a iniciativa de abrir ou reativar doze embaixadas brasileiras em capitais deste continente.

O comércio com a região cresceu exponencialmente: aumentou 110% nos últimos quatro anos. A cooperação avançou. São muitos os projetos que temos em áreas como saúde e HIV-Aids, educação, agricultura e combate à fome e à pobreza.

Decidi, por exemplo, abrir em Gana um escritório da Embrapa, importante centro de pesquisa agrícola do Estado brasileiro, para reforçar nossa cooperação com o conjunto dos países africanos.

Há alguns meses, sediamos em Salvador, na Bahia, a segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

A sociedade brasileira respondeu com entusiasmo e, no meu segundo período de governo, vamos aprofundar ainda mais a parceria entre o Brasil e as nações africanas.

Caros amigos,

Nossas regiões compartilham o entendimento de que a integração é instrumento fundamental para a superação dos desafios do desenvolvimento.

Uma das bases da parceria inter-regional que estamos construindo é a nossa Comunidade Sul-Americana de Nações. Em seu diálogo com o mundo, a América do Sul vai consolidando uma identidade própria. Tem como projeto um espaço de paz e democracia, com prosperidade econômica e justiça social.

A União Africana, por sua vez, já demonstrou a grande capacidade que tem de promover o diálogo e levar adiante projetos de envergadura. Os dirigentes africanos merecem o nosso aplauso por seus esforços na busca de soluções negociadas para suas diferenças.



Estou convencido de que podemos aprender muito uns com os outros. Sempre tivemos os olhos voltados para o Norte. E, muitas vezes, não percebemos que as respostas para os nossos problemas poderiam ser encontradas no diálogo com nossos pares.

Os biocombustíveis – o etanol, o biodiesel e o H-Bio – têm enorme potencial para fazer uma verdadeira revolução agrícola e energética em nossos continentes. Para a África, podem ser a chave de um novo modelo de desenvolvimento, pois diversificam a matriz energética, criam abundantes empregos, mantêm a população no campo e incidem positivamente sobre o comércio exterior dos países.

Isso pode ser feito em parceria com países desenvolvidos. Há exemplos de um forte potencial de cooperação triangular com a África, que temos que expandir.

Senhoras e senhores,

Como diz o escritor e diplomata brasileiro Alberto da Costa e Silva, o vasto mar que nos separa é, na verdade, um simples rio – “um rio chamado Atlântico”. O que estamos fazendo aqui, hoje, é construir uma ponte entre as margens desse rio.

Nossa ambição é ir além dos diálogos existentes e aproximar, em definitivo, os dois continentes.

Esta Cúpula abre um novo capítulo na história das relações Sul-Sul. Duas importantes regiões em desenvolvimento se reúnem por vontade política própria, sem intermediários.

Se queremos outra globalização – menos desigual, mais solidária – precisamos construir parcerias estratégicas que unam os países em desenvolvimento em torno dos mesmos objetivos e que atendam, sobretudo, os países mais pobres.

Uma nova geografia política e econômica mundial só será possível se atores com afinidades escolherem o diálogo direto e a ação conjunta nos foros



internacionais.

Meus amigos e minhas amigas,

A geologia nos ensinou que, há milhões de anos, a África e a América do Sul estiveram unidas num só grande continente. Quem nunca se admirou ao ver nos mapas o encaixe quase perfeito que existe entre o Nordeste brasileiro e a costa do Golfo da Guiné?

A nova geografia que estamos construindo não moverá as placas tectônicas do Planeta, refazendo aquele território contínuo perdido, mas certamente ajudará a transformar a realidade política e econômica internacional, aproximando-nos política, econômica, social e culturalmente.

O que nos trouxe a Abuja foi o desejo de unir africanos e sul-americanos para fazer ouvir nossa voz. Vamos formar uma estreita aliança entre dois continentes que se ressentem da exclusão a que tem sido relegados por tanto tempo.

Não faltará quem manifeste seu ceticismo sobre esta reunião. Passamos por experiência semelhante quando organizamos a Cúpula América do Sul- Países Árabes. Alguns criticaram nossa iniciativa, movidos por preconceitos. Mostramos que eles estavam errados.

Desde então, as relações econômicas e comerciais entre a América do Sul e os países árabes aumentaram de forma extraordinária. Negociamos um acordo entre o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo. Avançamos em nossa cooperação cultural e estamos nos conhecendo melhor. Estivemos mais atentos e presentes no acompanhamento dos problemas políticos que afetam o mundo árabe.

Estou certo de que este nosso encontro renderá muito mais frutos ainda.

A associação entre nossas regiões nunca foi tão necessária, pois nosso mundo continua ainda marcado pela injustiça e pela desigualdade.

Persistem ameaças ao multilateralismo e à credibilidade do sistema internacional. Precisamos adaptar as instituições aos novos tempos. A reforma



da ONU é vital para fazer frente aos novos desafios.

O Conselho de Segurança reflete uma ordem internacional que não existe mais. Sua ampliação, com novos assentos permanentes e não-permanentes para países em desenvolvimento, é a chave para torná-lo mais legítimo e democrático.

Exemplo do novo multilateralismo que buscamos é a iniciativa internacional de combate à fome e à pobreza. Já estamos colhendo os frutos de nossos esforços de implementar mecanismos financeiros inovadores. A recente instalação da Central Internacional de Medicamentos é um passo decisivo no combate à Aids, malária e tuberculose, doenças que devastam os países mais pobres.

No campo econômico, africanos e sul-americanos também temos interesses comuns. Queremos ampliar o comércio de bens e serviços para promover o desenvolvimento. Mas as barreiras protecionistas e os bilionários subsídios agrícolas dos países ricos fecham os mercados aos nossos produtos.

As negociações na OMC estão paralisadas. Isso afeta terrivelmente a todos nós. O fracasso da Rodada de Doha teria conseqüências graves. O sistema multilateral ficaria desacreditado. Milhões de agricultores nos países mais pobres seriam condenados à indignação, aumentando a espiral de desesperança e violência.

Meus queridos amigos,

Nosso objetivo principal hoje é fixar os alicerces de um novo paradigma de cooperação Sul-Sul.

Os documentos que vamos assinar refletem uma agenda rica e diversificada, que inclui temas de cooperação ambiental em recursos hídricos, energias renováveis e biodiversidade.

Estamos também renovando o compromisso com os princípios que orientaram a criação, em 1986, da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul.

Nosso principal desafio é evitar que essa enorme vontade política se



esgote nos discursos e nas boas intenções. Seremos chamados a dar satisfação aos cidadãos e cidadãs de nossos países, que depositaram em nós suas esperanças.

Nossos povos desejam políticas sociais mais eficazes, maior intercâmbio científico e tecnológico, vínculos culturais mais sólidos e fortes correntes de comércio.

Nossas regiões estarão empenhadas, a partir de agora, em esquemas de cooperação em áreas como agricultura, energia, mineração, turismo, informática, saúde, educação, cultura e esporte.

E podemos fazer muito mais. Podemos, por exemplo, aumentar a oferta de serviços de transporte aéreo e marítimo entre a África e a América do Sul. A propósito, meu caro amigo Obasanjo, é com alegria que verifico que uma companhia brasileira está prestes a abrir uma linha aérea regular entre o Brasil e a Nigéria.

Desejamos conversar sobre tudo o que nos toca mais diretamente, dos processos de integração aos dilemas que enfrentamos nas duas regiões.

Vamos trabalhar lado a lado para superar os graves problemas sociais e econômicos que entravam o desenvolvimento das nações africanas e sul-americanas.

Para que haja justiça social no mundo, cada um deve fazer a sua parte. Nós, os líderes da África e da América do Sul, temos uma missão inadiável: levar esperança às populações excluídas dos dois lados desse rio chamado Atlântico.

Eu quero, meu caro Obasanjo, ao terminar as minhas palavras, dizer que é uma alegria estar aqui outra vez na Nigéria, poder me encontrar com tantos líderes africanos, sul-americanos, e dizer a todos vocês que depois de quatro anos na Presidência do Brasil, eu estou hoje muito mais convicto do que estava quatro anos atrás. Não existe saída para os nossos problemas econômicos, políticos e sociais se nós continuarmos a pensar que, sozinhos,



haverá saída para algum país da África ou da América do Sul. Ou nós tomamos consciência de que a saída é coletiva, de que os projetos de cada Estado podem ser específicos, mas têm que estar vinculados a uma estratégia da África e da América do Sul.

E com esse projeto estratégico formado, nós estabelecemos as negociações com o chamado mundo desenvolvido, para que nos trate com a justiça que nós merecemos, ou vai significar que no século XXI nós vamos continuar como terminamos o século XX, com os mesmos problemas econômicos, os mesmos problemas sociais e, por que não dizer, muitas vezes com os mesmos problemas políticos.

Por isso, eu quero terminar fazendo um chamamento a todos os líderes aqui presentes. Eu sei que muitas vezes as pessoas dizem que a reunião não aprovou nada, que a reunião não decidiu grandes coisas importantes para resolver o problema de cada país. Mas quem faz política sabe que só o fato de juntarmos aqui figuras importantes do continente africano, figuras importantes da América do Sul, pessoas que deixaram os seus países, que atravessaram o Atlântico e viajaram horas e horas para estar aqui, só esse fato demonstra que o século XXI poderá ser muito melhor para a África e para a América do Sul do que foi o século XX, depende única e exclusivamente das nossas decisões políticas.

Se formos, eu diria, frágeis nas decisões e não analisarmos o que aconteceu com os nossos países no século passado, daqui a 40, 50, 60 anos nós teremos os filhos dos nossos filhos, de cada país, analisando o fracasso que nós cometemos quando dirigimos os nossos países.

O que nós estamos fazendo aqui hoje é um desafio, é um desafio à (inaudível) política mundial, é um desafio ao (inaudível) da política internacional. O que nós estamos dizendo é pura e simplesmente que existimos, queremos respeitar todos os países, mas queremos ser respeitados





e queremos partilhar um (inaudível) que a Humanidade vem produzindo nos países.

Por isso, eu quero agradecer a presença de todos vocês e dizer ao presidente Obasanjo, mais uma vez, muito obrigado pelo carinho e pela recepção que nos deu.

Leia a entrevista do presidente Lula após abertura da Cúpula África-América do Sul

<http://www.info.planalto.gov.br/download/Entrevistas/pr1345.doc>